



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2015

**CELESTE CRISTINA AS IMAGENS DO FRANCÊS E (DES)MOTIVAÇÃO –
PINTO DE OLIVEIRA UM ESTUDO DE CASO NO 9.º ANO DE
ESCOLARIDADE**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2015

**CELESTE CRISTINA
PINTO DE OLIVEIRA**

**AS IMAGENS DO FRANCÊS E (DES)MOTIVAÇÃO –
UM ESTUDO DE CASO NO 9.º ANO DE
ESCOLARIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Didática, Área de especialização - Línguas para Professores do 3º CEB/Secundário, realizada sob a orientação científica da Profª Doutora Filomena Rosinda Oliveira Martins, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus queridos filhos.

O júri

presidente

Prof^a Doutora Isabel Maria Cabrita dos Reis Pires Pereira,
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

Doutora Rosa Maria Marques Faneca de Oliveira,
Assistente Convidada, Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Prof^a Doutora Filomena Rosinda de Oliveira Martins,
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro (Orientadora)

Agradecimentos

Agradeço à Prof^a Doutora Filomena Martins pelo saber, disponibilidade e pelo seu incansável apoio e paciência ao longo desta jornada.

Agradeço aos meus pais pela confiança depositada em mim e pelo apoio incondicional.

Agradeço aos meus filhos pela paciência e pelo amor que vai daqui até à Lua e da Lua até aqui....

Agradeço ao meu marido pelo constante apoio e paciência.

Agradeço a todos os que me ajudaram, direta ou indiretamente, na realização e cumprimento deste projeto.

Agradeço aos meus alunos porque, sem eles, a minha vida não seria tão intensa.

Palavras-chave

motivação, representações/imagens do Francês Língua Estrangeira; ensino /aprendizagem do Francês.

Resumo

Este estudo debruça-se sobre as motivações que levaram os alunos do 9º ano de uma escola do concelho de Felgueiras a escolher o Francês como Língua Estrangeira 2 no 7º ano de escolaridade, bem como as representações relativas à língua francesa, aos franceses e à francofonia em contexto escolar. Pretende-se conhecer os fatores que estão na origem da (des)motivação para a aprendizagem desta língua e as estratégias de motivação identificadas pelos alunos.

Depois de uma revisão da literatura sobre a motivação e as imagens das línguas em contexto escolar, procedeu-se a um estudo de caso. Neste processo foram utilizados diferentes instrumentos de recolha de dados, tais como o inquérito por questionário, o inquérito por entrevista e ainda uma atividade didática realizada pelos alunos, no âmbito da Semana da Francofonia. Procedeu-se à análise qualitativa e quantitativa dos dados obtidos neste estudo de caso.

Face ao decréscimo registado a nível nacional de inscrições na disciplina de Francês, enquanto Língua Estrangeira 2, os resultados registados neste estudo são atípicos tendo em conta o que o Francês enfrenta à data, nas nossas escolas. Segundo os alunos inquiridos, as representações sobre o grau de dificuldade/ facilidade da língua não parecem ser um fator inibidor no processo ensino / aprendizagem e na opção por esta língua.

Ficamos a saber que a maioria dos alunos do 9º ano envolvidos neste estudo gosta da língua francesa e dos franceses, de acordo com as imagens que têm deles, que optaria novamente pelo Francês Língua Estrangeira 2 e que se sente suficientemente motivada para continuar a desenvolver competências linguístico-comunicativas em Francês, língua estrangeira.

Keywords

motivation, representations / images of French foreign language; teaching / learning of French

Abstract

This study pores over the motivation that led year 9 students from a school in the district of Felgueiras to choose French as a second foreign language when they were in year 7, as well as their representations concerning the French language, the French and the French-speaking world in school context. The aim is also to know the factors that are in the origin of the (de)motivation for studying this language and the motivation strategies identified by students.

After a review of the literature on motivation and images of languages in school context, a case study was conducted. Throughout this process different instruments were used to collect data, such as survey by questionnaire, survey by interview and an educational activity performed by students with the purpose of identifying and describing students' representations of French and identifying the factors that influence (de)motivation for learning the language. To achieve this aim, a qualitative and quantitative analysis was carried out of data obtained in this case study.

Taking into account the decrease in enrolments in French countrywide, as a second foreign language, the results attained in this study are atypical considering what French faces in our schools nowadays. According to the surveyed students, the representations concerning the degree of difficulty/ease of the language do not seem to be an inhibiting factor in the teaching/learning process.

One found out that the majority of students in year 9 involved in this study like the language and the French, according to the images they have of them, they would choose French as a second foreign language again and feel sufficiently motivated to keep on developing linguistic and communicative competences in this language.

Mots-clés

Motivation, représentations / images du français langue étrangère, enseignement / apprentissage du Français.

Résumé

Cette étude aborde les motivations qui ont amené les élèves de 9^{ème} année d'une école de Felgueiras à choisir le Français comme Langue Étrangère 2, en 7^{ème} année, ainsi que les représentations relatives à la langue française, aux français et à la francophonie en contexte scolaire. Nous prétendons connaître les facteurs qui sont à l'origine de la (dé)motivation pour l'étude de cette langue et les stratégies de motivations identifiées par les élèves.

Après une révision de la littérature sur le thème de la motivation et des images des langues en contexte scolaire, on a procédé à une étude de cas. Dans ce processus, différents instruments de collectes de données ont été utilisés, comme par exemple l'enquête par questionnaire, l'enquête par entretien et encore par une activité didactique réalisée par les élèves afin d'identifier et décrire les représentations des élèves par rapport au Français et identifier les facteurs qui influencent la (dé)motivation envers l'étude de la langue. Pour cela, nous avons utilisé l'analyse qualitative et quantitative des données obtenues dans cette étude de cas.

Face à la diminution vérifiée au niveau national des inscriptions en Français, en tant que Langue Étrangère 2, les résultats enregistrés dans cette étude sont atypiques si on tient compte de ce qui se passe, actuellement, avec le Français dans nos écoles. Selon les élèves interrogés, les représentations concernant la difficulté ou la facilité de la langue ne semblent pas être un facteur inhibiteur dans le processus de l'enseignement et de l'apprentissage.

Nous apprenons que la plupart des élèves de 9^{ème} année impliqués dans cette étude, aime la langue et les français, par rapport aux images qu'ils ont d'eux, qu'ils choisiraient à nouveau le Français Langue Étrangère 2 et qu'ils se sentent suffisamment motivés pour continuer à développer les compétences linguistiques et communicatives en Français, langue étrangère.

ÍNDICE GERAL

O júri.....	iii
Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Résumé.....	vii
Anexos.....	ix
Lista de Quadros.....	ix
Lista de Gráficos.....	ix
Lista de Figuras.....	x
Lista de Abreviaturas.....	x
 INTRODUÇÃO.....	 1
1. Tema e objetivos.....	1
1.1. Estrutura.....	4
 CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	 5
1. Conceito de Imagens / Representações.....	5
1.1. A Importância das imagens / representações na aprendizagem de uma língua estrangeira.....	8
2. Motivação: clarificação do conceito.....	11
2.1. Motivação extrínseca.....	16
2.2. Motivação intrínseca.....	16
 CAPÍTULO II - ESTUDO EMPÍRICO.....	 18
1. Contextualização socioeducativa.....	18
2. Caracterização dos intervenientes.....	19
3. Metodologia de estudo.....	24
4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	26
4.1. Inquérito por Questionário.....	27
4.2. Atividade para a Investigação.....	29
4.3. Inquérito por Entrevista.....	30
5. Apresentação do estudo de caso.....	32
 CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS.....	 40
1. Técnicas de análise de dados.....	40
2. Análise de dados.....	42
 CONCLUSÃO.....	 65
1. Limitações do estudo.....	68
2. Perspetivas para o futuro.....	69
 BIBLIOGRAFIA / WEBGRAFIA.....	 70

Anexos

Anexo 1 - Nº de alunos matriculados nas línguas estrangeiras.....	76
Anexo 2 - Cartaz do filme “Qu’est-ce qu’on a fait au bon Dieu?”	77
Anexo 3 - Programa do dia da Francofonia.....	78
Anexo 4 - Inquérito por questionário	79
Anexo 5 - Tratamento de dados do inquérito por questionário	82
Anexo 6 - Entrevistas	85

Lista de Quadros

Quadro 1 - O FLE: disciplina preferida/com mais dificuldades	20
Quadro 2 - Interesse pela EB2/3/S	21
Quadro 3 - Caracterização das turmas.....	22
Quadro 4 - Número de alunos inscritos no 3º CEB na disciplina de Francês, entre 2008 e 2014..	23
Quadro 5 - Perguntas e objetivos do inquérito por questionário.....	28
Quadro 6 - Perguntas e objetivos do inquérito por entrevista	31
Quadro 7 - Esquema geral do projeto.....	33
Quadro 8 - Categorias, subcategorias e instrumentos	42
Quadro 9 - Razões da escolha do Francês como Língua Estrangeira 2	43
Quadro 10 - Motivos da escolha do FLE	44
Quadro 11 - Opção por outra língua	45
Quadro 12 - Fatores de (des)motivação para aprendizagem do FLE	47
Quadro 13 - Motivação para aprendizagem do FLE.....	48
Quadro 14 - Perceção do francês e dos falantes.....	51
Quadro 15 - Nº de ocorrências nas subcategorias	59

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Grau de motivação para o estudo do FLE	46
Gráfico 2 - Símbolo mais votados por categoria	55
Gráfico 3 - Nº de ocorrências na categoria Personalidades.....	56
Gráfico 4 - Nº de ocorrências na categoria Monumentos.....	57
Gráfico 5 - Nº de ocorrências na categoria Alimentos.....	57
Gráfico 6 - Nº de ocorrências na categoria Clubes/Cidades/Países	58
Gráfico 7 - Nº de ocorrências por subcategoria	61
Gráfico 8 - Categoria mais referida por aluno	62

Lista de Figuras

Figura 1 - Conceito de cultura sob a perspetiva do iceberg.....	7
Figura 2 - Pirâmide das necessidades básicas do ser humano.....	14
Figura 3 - Painel com os cartões.....	35
Figura 4 - Exposição na biblioteca	36
Figura 5 - Jornal “Charlie Hebdo”	36
Figura 6 - Lanche francês, na Biblioteca.	37
Figura 7 - Lanche francês, na Biblioteca	37

Lista de Abreviaturas

3º CEB – 3º Ciclo do Ensino Básico
DL – Didática das Línguas
FLE – Francês Língua Estrangeira
LE – Língua Estrangeira
RS - Representações Sociais
QECR - Quadro Europeu Comum De Referência Para As Línguas
E/A - ensino / aprendizagem
Escola Básica 2º e 3º ciclos e Secundária – EB 2/3/S
PEI – Plano Educativo Individual
CEI – Currículo Educativo Individual
EV – Educação Visual
EMRC- Educação Moral e Religiosa Católica

Um jovem sonhou que entrou numa loja, (...) surpreendido descobriu que Deus estava atrás do balcão.

“Que vendes aqui?”- Perguntou-lhe.

“Tudo o que o teu coração deseja,” respondeu-lhe Deus.

Quase sem acreditar no que estava a ouvir, o jovem decidiu-se a pedir o melhor que um ser humano podia desejar:

“Desejo paz de espírito, amor, felicidade, sabedoria, ausência de todos os medos”. E após um instante de hesitação, acrescentou:

“Não só para mim, mas para todo o mundo”.

Deus sorriu e disse:

“Penso que não me compreendeste. Aqui não vendemos frutos, unicamente vendemos sementes.”

Anthony de Melo,

“La oración de la Rana”, in jornal “O Gaiato”

INTRODUÇÃO

1. Tema e objetivos

Depois de ler “*La oración de la Rana*”, pensamos nos nossos alunos, aqueles jovens que têm desejos e objetivos mas, frequentemente, não sabem como chegar lá. O papel do professor é fundamental na construção desse caminho, ao plantar “as sementes” da sabedoria, da curiosidade e da vontade de aprender. Assim sendo, não é o que se diz aos alunos que conta verdadeiramente, mas sim aquilo que eles ouvem e o mais complicado é o professor conseguir identificar aquilo que ouviram. O docente deverá contribuir para que os alunos adquiram e/ou desenvolvam e consolidem competências várias, constituindo-se como um agente facilitador na educação e formação dos jovens enquanto indivíduos conscientes, críticos e interventivos na sociedade atual.

Enquanto professora de Francês Língua Estrangeira (FLE) lectionei todos os níveis de ensino do Ensino Básico, quer de iniciação, quer de continuidade, e do ensino secundário, quer da formação geral, quer da formação específica. Por conseguinte, ao longo destas duas últimas décadas de ensino, tive a oportunidade de lidar com alunos de vários pontos do país, de vários estratos sociais com ou sem objetivo de vida. Quando nos deparamos com alunos do 7º ano de escolaridade, ansiosos por aprender uma nova língua, a tarefa parece-nos facilitada, no entanto, nem sempre se verifica esse entusiasmo e à medida que vão avançando para a conclusão do 3º ciclo do Ensino Básico (3º CEB), vamos verificando alguma desmotivação para a aquisição de competências linguísticas e comunicativas em Francês. Por isso, entrei para este Mestrado com a convicção de que a grande maioria dos alunos não se sente muito motivada para a aprendizagem do FLE e tem ideias pré-concebidas sobre a língua e cultura francesas e da francofonia em geral. O facto da disciplina de FLE ter vindo a sofrer um declínio na oferta curricular das nossas escolas tendo o número de matrículas nesta disciplina, de uns anos a esta parte, ter decrescido consideravelmente, levou-me a uma reflexão mais profunda sobre o assunto. A experiência de quase vinte anos de ensino na área do FLE e a passagem por

diversas escolas, em várias cidades e distritos do país, fizeram-me perceber que os alunos, mesmo antes de contactar com esta língua e respetiva cultura, demonstram ter imagens pré-definidas da cultura de expressão francesa. Estas imagens, positivas ou negativas, são a mola impulsionadora para que estes estejam ou não recetivos, à partida e predispostos a aprender uma nova língua, já que *“as imagens influenciam, não apenas o processo de ensino e de aprendizagem, mas também as perspetivas dos sujeitos acerca dos seus desempenhos escolares e das suas práticas de comunicação quotidiana”* (Schmidt & Araújo e Sá, 2006, p.8).

A partir das palavras de Tschoumy (1997, p.11), tomamos consciência de que *«Apprendre une langue, c’est d’abord avoir une image de cette langue, de son statut, de ses locuteurs, de son histoire, de son utilité»*. Por isso, o conhecimento destas imagens, representações ou estereótipos por parte dos professores de língua estrangeira (LE) relativamente à língua que ensinam poderá influenciar positivamente o processo de ensino / aprendizagem (E/A).

Com base nestes pressupostos e no facto de na escola, onde exercemos a docência durante o ano letivo 2014/2015, apenas haver a oferta do FLE como língua estrangeira 2 (LE2), pretendemos saber: a) Que representações têm os alunos do francês, da França e da Francofonia? b) Quais as motivações dos alunos do 9º ano da EB 2/3/S ao optarem pelo Francês aquando da escolha da LE2 no 7º ano de escolaridade? c) Que atividades, recursos ou estratégias identificam os alunos como motivadores no processo de E/A de FLE? d) Que fatores influenciam a (des)motivação para o estudo da língua?

Com esta investigação, pretende-se atingir os seguintes objetivos: a) identificar e descrever as representações que os alunos do 9º ano da EB 2/3/S têm sobre a língua francesa; b) identificar as razões da sua opção pela aprendizagem desta LE2 no 3º CEB em detrimento de outra (espanhol, alemão, por exemplo). c) perceber que tipo de atividades, recursos ou estratégias dizem os alunos estar na origem da motivação /desmotivação no processo ensino/aprendizagem do FLE.

Neste estudo de caso, participaram os alunos do 9º ano de escolaridade da Escola 2/3/S que estudam o FLE desde o 7º ano.

Num primeiro momento, foi distribuído um questionário a todos os alunos do 9º ano da escola a fim de perceber quais as imagens / representações (conceitos tidos como sinónimos neste estudo) destes discentes relativamente ao FLE. O questionário tem por base outros estudos, nomeadamente Pinto (2005), Marques (2012), Santos (2014) e Schmidt e Araújo e Sá (2006). As questões têm como objetivo conhecer o meio familiar do aluno, o grau de motivação que os alunos dizem ter para o estudo do FLE, as razões da sua escolha, o tipo de contacto com o FLE e por fim as representações ou imagens que evidenciam ter sobre as características da língua francesa e dos franceses.

Num segundo momento, além do tratamento de dados qualitativos e quantitativos com a finalidade de dar resposta às nossas questões de investigação, foi preparada uma atividade para o dia da francofonia cujo objetivo é conhecer melhor as imagens que os alunos têm dos franceses, do francês e da francofonia. Num terceiro momento, foram feitas entrevistas a grupos de alunos voluntários do 9º ano da EB 2/3/S. Por fim, foi feita uma triangulação de dados.

Os aprendentes de uma língua estrangeira devem ter à sua disposição ferramentas que os tornem competentes linguística e culturalmente de forma a interagirem em diferentes contextos socioculturais. No processo E/A, e segundo o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR), não deverá haver apenas o conhecimento das regras gramaticais, vocabulário e atos de fala isolados pois “a finalidade do ensino da língua é tornar os aprendentes competentes e proficientes na língua em causa” (QECR, p. 13).

Para atingirmos esse fim, os discentes devem sentir-se motivados para aprender uma língua nova. Por isso, o tema da motivação foi aquele que escolhemos desde o início. Ligá-lo ao tema das representações tornou-se aliciante.

1.1. Estrutura

Esta dissertação está dividida em 3 capítulos, para além da Introdução e das Conclusões finais, que passamos a apresentar:

Na Introdução, pretendemos apresentar o tema e os objetivos da dissertação assim como a sua estrutura.

No capítulo I, desenvolve-se o conceito de imagens e a importância das representações na aprendizagem de uma língua estrangeira. Apresentamos também o conceito de motivação e demonstramos a importância da motivação intrínseca e extrínseca na aquisição de competências linguísticas no aprendente de uma língua estrangeira.

No capítulo II, apresentamos e caracterizamos os intervenientes neste estudo, contextualizando a sua vivência socioeducativa; a metodologia de estudo pela qual optámos, e por fim, procedemos à apresentação das atividades didáticas desenvolvidas no âmbito deste estudo.

No capítulo III, procedemos à análise e interpretação de dados e apresentamos as técnicas e instrumentos de análise.

Por fim, expomos as nossas conclusões finais, onde focamos as limitações e dificuldades encontradas ao longo do estudo, bem como as perspetivas para o futuro.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O aluno que não se identifica com a cultura estrangeira, - ou que às vezes até a despreza, - normalmente por falta de informação, desconhecimento por informações estereotipadas que o professor não soube ou não pôde corrigir, estará desmotivado a aprender sua língua.

Claude Hagège (1996)

1. Conceito de Imagens / Representações.

Atualmente, vivemos numa sociedade global pautada pelo cosmopolitismo e mistura de várias línguas e culturas que se entrelaçam. Com esta heterogeneidade linguística e cultural, sente-se uma necessidade gradual de aprender línguas, sobretudo algumas línguas, as da globalização, e comunicar satisfatoriamente com os outros. Confrontados com uma crise financeira mundial, os nossos adolescentes veem os seus progenitores “obrigados” a emigrar, nomeadamente para outros países da Europa. Neste contexto, segundo Hagège, o bilinguismo generalizado é o futuro da Europa. Para as culturas europeias, ele será mesmo, provavelmente, a chave da sobrevivência Hagège (1996, p. 11). Mais recentemente, Bélisle (2007) citado por Teixeira (2013, p. 48) afirma que “*no contexto atual de uma sociedade globalizada, digital e multicultural pautada pela constante mobilidade, o domínio de várias línguas estrangeiras é um requisito e uma mais-valia em termos profissionais mas também pessoais*”, por conseguinte, o bilinguismo já não é suficiente, pois o aprendente de hoje deve estar preparado para participar em diferentes situações comunicativas cada vez mais globais e plurilingues.

Mas, mesmo antes de iniciar o estudo de uma nova língua, os aprendentes apresentam, desde o começo, uma imagem da língua em questão, da cultura, dos falantes e do(s) país(es) onde é falada. Vários autores debruçaram-se sobre o conceito de imagem, representação, cliché ou estereótipo, termos cujos limites, frequentemente, se misturam, são sinónimos e se confundem. Diversas têm sido as ciências que fazem desta amálgama de conceitos o seu objeto de reflexão:

“Les notions ont été théorisées et mises en œuvre dans les sciences sociales, les sciences du langage, les études littéraires” (Amossy & Pierrot, 2014, p. 5)

Nas ciências humanas e sociais, a noção de Representações Sociais (RS) tem sido um ponto central de várias investigações, descendente dos estudos de Durkheim, teorizada a partir dos anos 60 com Moscovici e, posteriormente, retomada e mais desenvolvida por Jodelet, na década de 80.

Embora a sociologia e a antropologia já se debruçassem sobre este tema nos anos 60, segundo Jodelet (2003, p. 45)

Nous avons toujours besoin de savoir à quoi nous en tenir avec le monde qui nous entoure. Il faut bien s’y ajuster, s’y conduire, le maîtriser physiquement ou intellectuellement, identifier et résoudre les problèmes qu’il pose. C’est pourquoi nous fabriquons des représentations.

Para Jodelet, *“comprendre et expliquer comment les pensées, les sentiments et les conduites des individus sont influencés par la présence réelle, imaginaire ou implicite d’autrui”* é crucial. A psicologia social, ramo da psicologia que analisa as percepções, interações e influências sociais, tem um papel primordial na compreensão da construção das representações e na relação indivíduo/sociedade.

O conceito de RS permite compreender melhor os indivíduos e os grupos ao analisar o modo como eles se representam a si próprios, como representam os outros e o mundo.

Assim, quando os jovens contactam, na escola, com uma LE e com os seus falantes, e vêm com representações já interiorizadas sobre a cultura e língua de um determinado país, estas poderão ser preponderantes na forma como os alunos vão estar (ou não) recetivos à aprendizagem dessa língua/cultura.

Partindo da definição simplificada de *cultura*, dada pelo Conselho da Europa e Comissão Europeia (2011, p. 18) em que é descrita *“normalmente como o conjunto de pressupostos, valores e normas fundamentais que os indivíduos possuem”* faz com que, por vezes, seja difícil compreender e “ver” a cultura do Outro.

Seguindo o modelo do iceberg (Figura 1) representativo da imagem de cultura, em que apenas uma pequena parte do iceberg aparece visível acima do nível da água (cf. Conselho da Europa e Comissão Europeia, 2011), a parte submersa é aquela que não se vê, todavia é essa parte invisível que garante a solidez e a sustentação da parte visível. A parte invisível e menos perceptível é “a história do grupo humano detentor da cultura, as suas normas, os seus valores, os pressupostos fundamentais no que respeita ao espaço, tempo, natureza, etc.” (Conselho da Europa e Comissão Europeia, 2011, p. 20) Por isso, “aprender interculturalmente significa também, antes de mais, estar consciente da parte oculta do seu próprio icebergue e ser capaz de falar acerca disso com os outros com a finalidade de melhor se compreenderem e encontrarem pontos em comum.” (Ibidem) Devemos, por isso, promover o contacto entre interlocutores, de forma a compreendermo-nos mutuamente e a respeitarmo-nos.

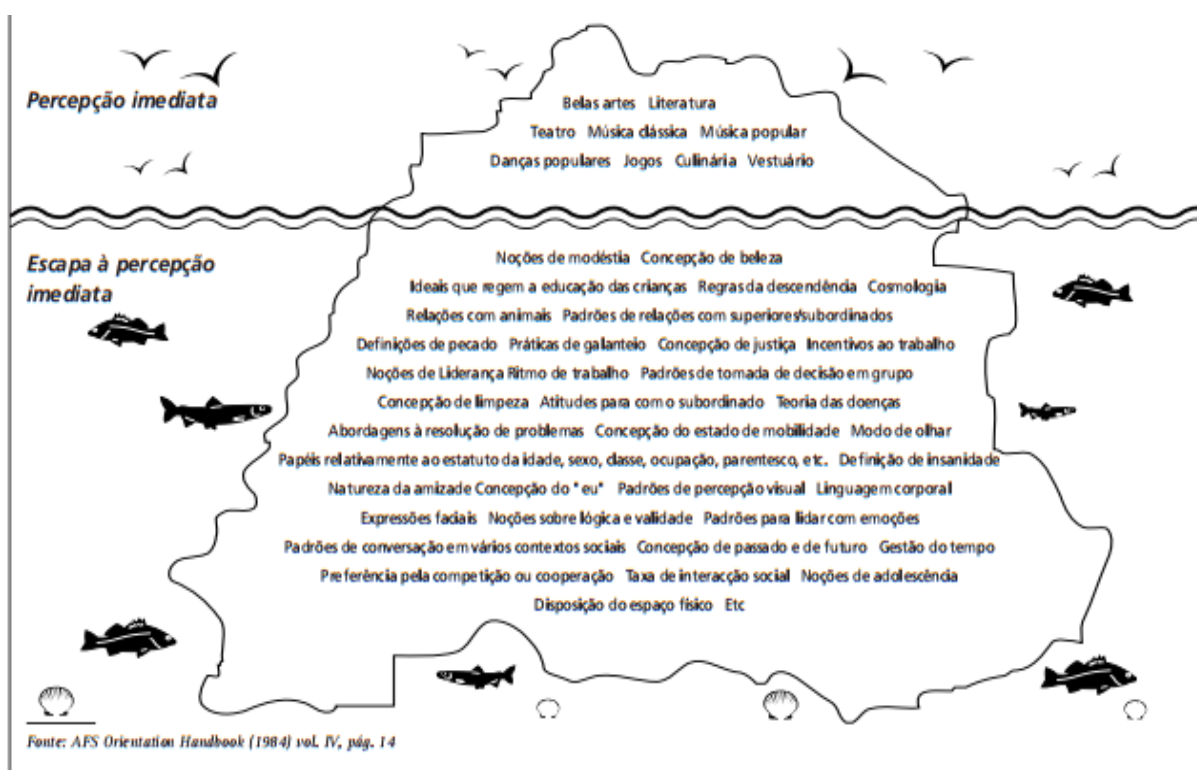


Figura 1 - Conceito de cultura sob a perspetiva do iceberg
(Disponível em : www.internacional.cne-escutismo.pt/LinkClick.aspx?fileticket.)

Na parte visível do iceberg, está o que vemos “a olho nu”, isto é, as características “evidentes” de uma cultura: a música, a literatura, a culinária, o vestuário, etc. Na parte submersa estão as características mais profundas dos valores essenciais e da interpretação desses mesmos valores por uma determinada sociedade. Apontemos os exemplos das noções de ideais que regem a educação da criança, de ritmo de trabalho, de modéstia, etc. Embora estas noções não sejam de imediato perceptíveis, elas refletem-se nas atitudes e comportamentos no quotidiano.

Assim, aquilo que conseguimos ver está na base da nossa percepção da cultura do Outro, e é a partir dela que formamos as representações quer da língua, quer dos seus falantes ou ainda da cultura.

1.1. A Importância das imagens / representações na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Qualquer candidato a aprendente de uma língua estrangeira inicia o seu processo de aprendizagem com uma ideia pré-concebida sobre a língua-alvo e suas características, como já referido, bem como sobre a sua importância no mundo. Dependendo desta imagem sobre a língua em questão, o aprendente terá uma atitude e uma motivação em consonância com aquilo que pensa sobre a língua. Em contexto escolar, não é diferente, pois este é o espaço privilegiado para interações verbais nas quais se constrói, se mantém, ou se alteram as representações que o sujeito tem sobre a identidade dessa língua. Por isso,

La notion de représentation est aujourd'hui largement circulante en didactique et dans les travaux portant sur l'acquisition des langues. Les images et les conceptions que les acteurs sociaux se font d'une langue, de ce que sont ses normes, ses caractéristiques, son statut au regard d'autres langues, influencent largement les procédures et les stratégies qu'ils développent et mettent en œuvre pour apprendre cette langue et en user (Moore, 2001, p. 9).

A relação entre a imagem que se tem de uma língua e a forma como atuamos no processo de E/A, desempenha um papel fundamental na adoção de estratégias nesse processo.

Baseado em estudos realizados por Zarate, 1993; Mathey, 1997; Perrefort, 2001; Andrade, Araújo e Sá e Moreira, (2007, p. 4) demonstram que

a aprendizagem de uma língua implica a construção de imagens/representações dessa mesma língua, em termos do seu estatuto, funções, locutores, história, cultura, utilidade e particularidades. Estas imagens, por sua vez, parecem influenciar as disponibilidades dos sujeitos para a sua aprendizagem, em particular no que diz respeito às escolhas que efectuam, às motivações que desenvolvem, às estratégias que mobilizam, à forma como hierarquizam as línguas umas em relação às outras, ou à vontade de se relacionarem ou não com os sujeitos que as falam.

Em Didática das Línguas (DL), compreende-se o papel das representações no ensino de uma LE, uma vez que estas influenciam no processo E/A relativamente às atitudes dos alunos, aos seus comportamentos linguísticos e interesse pelas línguas (cf. Andrade & Araújo e Sá, 2006, p. 11).

Tendo em conta o contexto escolar desta investigação, o prévio conhecimento das representações / imagens ou estereótipos que os alunos têm da LE poderá influenciar positivamente o processo de E/A pois *"Apprendre une langue, c'est d'abord avoir une image de cette langue, de son statut, de ses locuteurs, de son histoire, de son utilité"* (Tschoumy, 1997, p.11). Como tal, uma pergunta impõe-se: qual é a imagem que os estudantes têm dos países cujas línguas estudam na escola? E das próprias línguas, das suas sonoridades, da escrita, da gramática, do grau de dificuldade, da sua beleza ... e das culturas a que as associam?

Segundo Cain e Briane (1999), citados por Vila (2014, p. 41),

l'observation de productions d'élèves, orales ou écrites, dans la pratique de classe, laisse apparaître aussi bien l'existence tenace d'idées reçues, que l'absence de connaissances pertinentes concernant les pays dont les élèves étudient la langue. Ces idées reçues déterminent la mise en place d'interprétations fautives et de stéréotypes qui offusquent toute possibilité d'une véritable construction de connaissances.

A construção da realidade e da sua apreensão estão "ancoradas em processos históricos, sócio-identitários e discursivos próprios a cada sujeito e grupo" (Andrade, Araújo e Sá, & Moreira, 2007 p. 29). De acordo com as suas vivências, experiências e objetivos, cada pessoa, ou grupo, constrói a "sua" realidade. Este facto determina, por vezes diferentes interpretações dos mesmos fenómenos culturais.

Em contrapartida, os aprendentes que têm representações negativas de uma língua, quer no que diz respeito à cultura quer aos seus falantes, "*comprometem a sua participação nos espaços de vida social*" (Andrade & Araújo e Sá, 2006, p. 12).

Estas representações negativas podem, no nosso entender, estar na origem da desmotivação para aprendizagem de uma LE. Por isso, parece-nos essencial clarificar o conceito de motivação.

2. Motivação: clarificação do conceito

Uma vez admitido o facto de que a aprendizagem de uma língua é tarefa de uma vida, torna-se fulcral o desenvolvimento da motivação, da capacidade e da confiança do jovem para poder enfrentar novas experiências linguísticas fora do meio escolar QECR (2001, p. 24).

O sonho de qualquer professor é ter alunos motivados e realizados. A motivação / desmotivação é um tema “obrigatório” na gíria professoral, pois está sempre associado ao sucesso ou insucesso dos alunos. De nada vale um professor brilhante, o acesso a livros, a revistas, a material original, a pesquisa na Internet, ao visionamento de filmes se o aluno continua sem motivação. Se o aluno não estiver com vontade ou não sentir curiosidade em aprender, se não estiver “disponível” para adquirir novas competências, nada terá interesse para ele. Em contrapartida, se estiver motivado, a aprendizagem da matéria, por mais difícil que seja, tornar-se-á algo fácil de adquirir. O papel do professor será, sem dúvida, suscitar o interesse e a curiosidade dos seus discentes, numa atitude positiva relativamente à atividade proposta; é levá-los a sentir necessidade de aprender mais e mais. A motivação assim como as capacidades cognitivas para aprendizagem das línguas estão na base de todo o processo E/A. Os discentes têm consciência de que falar e compreender duas ou mais línguas traz vantagens, mas também sabem que não é crucial na vida de alguém.

Professores e alunos usam habitualmente os termos motivação e desmotivação para explicar as causas do sucesso ou do insucesso na aprendizagem, (Guilloteaux e Dörnyei, 2007). Por estes motivos, o professor tem um papel primordial, pois será ele que deverá suscitar a curiosidade e o interesse pela realização da atividade proposta. O aluno, ao ter consciência de que é capaz de realizar a atividade, mostrar-se-á perseverante com vontade de acabá-la Bernaus (1992).

Dada a complexidade deste conceito, abordaremos apenas algumas dimensões conceituais e teóricas do conceito motivação assim como a sua relação com as representações. Para Pintrich (2003) citado por Veríssimo (2014), a motivação deriva do latim *movere* que significa movimento; para Schütz (2003), a motivação é uma força interior propulsora, de importância decisiva no desenvolvimento do ser humano. Assim como na aprendizagem em geral, o ato de aprender línguas é ativo e não passivo. Não é o professor que ensina nem o método que funciona; é o aluno que aprende. Por isso, a motivação do aprendiz no processo E/A das línguas é um elemento chave.

Veríssimo (2014) utiliza a metáfora do carro e da gasolina para descrever a motivação acadêmica,

Se considerarmos que cada aluno é um carro, encontraremos seguramente diferentes tipos de carros, com diferentes tipos de competências e habilidades. Mas independentemente dessas diferenças, será necessária gasolina para colocar todos estes tipos de carros em funcionamento. Podemos ter um carro topo de gama que não anda, não porque não é capaz, mas porque não tem gasolina (leia-se motivação) suficiente. Da mesma forma, podemos ter carros mais fracos, que com o depósito cheio de gasolina acabam por chegar mais longe. E à semelhança da gasolina de um carro, também a motivação se desgasta, podendo o depósito estar mais ou menos cheio. E enquanto os alunos não conseguirem encher o seu próprio depósito motivacional, os professores são e serão sempre os principais gasolineheiros. (Veríssimo, 2014, p. 74)

Também podemos comparar a motivação a um balão cheio de ar. Com o tempo, o balão vai perdendo o ar e para se manter cheio, precisa de uma renovação de ar. Tal como o balão, o aluno necessita de se manter motivado (cheio de ar), mas para que tal aconteça, o professor assume um papel preponderante, pois é ele quem deve encontrar as estratégias adequadas (renovação do ar) para os seus discentes a fim de os manter motivados.

A origem da motivação é sempre o desejo de satisfazer necessidades. Partindo desse princípio, um dos teóricos mais citados nos estudos sobre a motivação é Maslow (1997). Segundo Maslow, as necessidades do ser humano estão escalonadas numa hierarquia, isto é, numa escala de valores que podem e devem ser transpostos. Na base da pirâmide, estão as necessidades mais básicas (necessidades fisiológicas) e, no topo, as necessidades mais elevadas (as necessidades de autorrealização). No momento em que o indivíduo satisfaz uma necessidade, surge outra no seu lugar, o que exige sempre uma busca de meios para satisfazê-la. Caso as suas necessidades básicas não estejam satisfeitas, poucas serão as pessoas que procurarão o reconhecimento pessoal e o *status*, isto é, poucas serão aquelas que quererão transpor a próxima barreira da hierarquia. Quando uma necessidade, em particular, se torna ativa, ela pode ser considerada um estímulo à ação. De acordo com Maslow, as necessidades fisiológicas constituem a sobrevivência do indivíduo e a preservação da espécie: alimentação, sono, repouso, etc. As necessidades de segurança são a procura de proteção contra a ameaça ou privação, a fuga e o perigo; no fundo remetem para a estabilidade. Nas necessidades sociais estão incluídas a necessidade de associação, de participação, de aceitação por parte dos outros, de amizade, de afeto e amor. A necessidade de estima envolve a autoapreciação, a autoconfiança, a necessidade de aprovação social e de respeito dos outros e pelos outros, de status e de prestígio, assim como o desejo de confiança, independência e autonomia. A necessidade de realização pessoal situa-se no topo da pirâmide, cada pessoa realiza o seu próprio potencial e desenvolve-se continuamente.

Por se falar em hierarquia, as necessidades de Maslow podem ser apresentadas como uma pirâmide (Figura 2).

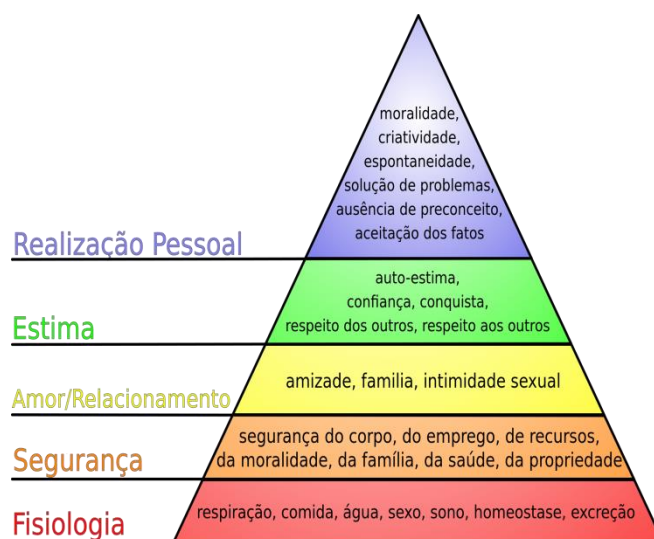


Figura 2 - Pirâmide das necessidades básicas do ser humano.
(Adaptado de Maslow, 1987)

Vários investigadores debruçaram-se sobre o tema da motivação para a aprendizagem de uma LE ou de uma LE2, e continuam a ser citados por outros autores, entre os quais Gardner e Lambert (1972), Gardner (1985), Gardner e Dörnyei (2002). A definição de motivação quando aplicada à aprendizagem de uma LE ou de uma 2ª língua, baseada no modelo Sócio Educacional da Aprendizagem de Línguas de Gardner (1985) tem por base o desejo e o esforço em aprender uma língua. Além disso, se se juntar um ambiente facilitador, o material adequado e uma atenção especial às características dos estudantes, cada indivíduo será “tocado” pela motivação em sala de aula. No entanto, num processo de aprendizagem, em que os estudantes partem de uma situação semelhante, podem ser colocadas várias questões relativamente ao seu sucesso ou insucesso: “How is it that some people can learn a foreign language quickly and expertly while others, given the same opportunities to learn, are utter failures?” Serão alguns alunos uns génios e outros não terão “an ear for languages?” (Gardner & Lambert, 1972, p. 131)

Numa perspetiva de psicologia social, ligada à educação, Gardner e Lambert consideram que a motivação para a aprendizagem de uma LE ou de uma 2ª língua também depende das representações ou imagens construídas à volta dessa língua. Se para uns este processo é encarado como um enriquecimento e

um divertimento, para outros, representa algo de desagradável, o que pode levar a um afastamento e até à rejeição da cultura associada a essa língua.

As capacidades intelectuais e cognitivas, aliadas às representações dos alunos relativamente a uma língua estão na origem da motivação para a aprendizagem de uma LE ou 2ª língua. Quando se refere LE ou 2ª língua convém clarificar os conceitos de forma a não confundi-los. Para Spinassé (2006, p. 6), “a grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração, enquanto a 2ª língua desempenha um papel até mesmo vital numa sociedade”. Ou seja, aprende-se uma LE num contexto mais formal, fora do país onde se fala o idioma, enquanto que uma 2ª Língua aprende-se num contexto comunicacional, indispensável num determinado país ou região.

Silva (2013) faz referência a Gardner (1985) e à sua teoria das inteligências múltiplas, isto é, um conjunto de habilidades, talentos e capacidades mentais numa diversidade de indivíduos com diferentes tipos de potenciais cognitivos. Para o autor, existem oito tipos diferentes de capacidades ou “inteligências”: linguística, espacial, lógico-matemática, musical, cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista, as quais devem ser tidas em conta no âmbito da Educação, de modo a que se consiga descobrir de que tipos de experiências educacionais podem beneficiar em maior escala os diferentes alunos, reforçar e aproveitar os seus pontos fortes e analisar e compensar os seus pontos fracos. Daí que se torne necessário variar as estratégias de ensino, para melhor abarcar as diferentes capacidades de cada um.

Para Reeve (2009), citado por MacIntyre e Serroul (2015, p. 109), a motivação define-se “as the force that gives behaviour its energy and direction”; é ela que faz com que as pessoas adotem comportamentos que as levam a satisfazer as suas curiosidades.

Outros autores, entre eles Ryan e Deci (2000), estabelecem uma divisão na origem da motivação, segundo a qual os indivíduos estão motivados extrinsecamente e intrinsecamente:

Intrinsic and extrinsic types of motivation have been widely studied, and the distinction between them has shed important light on both developmental and educational practices. Intrinsic motivation remains an important construct, reflecting the natural human propensity to learn and assimilate. However, extrinsic motivation is argued to vary considerably in its relative autonomy and thus can either reflect external control or true self-regulation (Ryan & Deci, 2000, p. 54).

2.1. Motivação extrínseca

Em contexto escolar, nomeadamente no processo E/A para o estudo de uma LE, existem alunos que não se sentem motivados para adquirir competências linguísticas. Estes discentes ao realizarem uma tarefa, sentem satisfação em relação a recompensas exteriores à própria tarefa, como por exemplo boas notas, prendas, valorização social. Este tipo de motivação está geralmente ligada à desistência, à dependência de reforços e à tentativa de evitar os desafios (Gottfried, 1990). O aprendente não tem um projeto dele, por isso, sairá fragilizado desta experiência, uma vez que só realiza a tarefa com vista à recompensa.

2.2. Motivação intrínseca

Ao contrário da motivação extrínseca, a motivação intrínseca é muito mais sólida, quando intrinsecamente motivado, o aluno sente satisfação em realizar a tarefa, tem prazer em aprender, em saber, diverte-se, gosta de ser desafiado e não está à espera de recompensas.

Embora a motivação intrínseca seja um tipo importante de motivação, a maioria das pessoas não está intrinsecamente motivada, pelo que o papel do professor é tornar essa possibilidade viável. Este terá de encontrar estratégias que incitem os seus alunos a ter curiosidade e a querer satisfazê-la sem estarem à espera de uma compensação.

Em síntese, a investigação levada a cabo neste estudo de caso encontra-se alicerçada no quadro teórico atrás apresentado.

Os objetivos de investigação ligados às representações que os alunos do 9º ano da EB 2/3/S têm sobre o Francês, a França e a francofonia em geral e os fatores que estão na origem da (des)motivação para o estudo do FLE estão relacionados com as questões de investigação:

- a) Que representações têm os alunos do Francês, da França e da francofonia?
- b) Quais as motivações dos alunos do 9º ano da EB 2/3/S ao optarem pelo Francês aquando da escolha da LE2 no 7º ano de escolaridade?
- c) Que atividades, recursos ou estratégias identificam os alunos como motivadores no processo de E/A de FLE?
- d) Que fatores influenciam a (des)motivação para o estudo da língua?

Poderão as representações ou imagens do Francês, da França e da francofonia estar na origem da /des)motivação para o estudo da língua?

Pretendemos obter respostas a estas questões através de dados obtidos a partir da análise de respostas a entrevistas e a inquéritos realizados com os alunos do 9º ano da EB 2/3/S.

CAPÍTULO II - ESTUDO EMPÍRICO

1. Contextualização socioeducativa

Neste capítulo faremos uma descrição do contexto socioeducativo da escola e das turmas do 9º ano de escolaridade com as quais foi desenvolvido o estudo de caso. Esta caracterização mostra-se pertinente no sentido em que, havendo um decréscimo no número de matrículas na disciplina de FLE, nas escolas portuguesas, como veremos mais à frente (cf: quadro 4), uma reflexão sobre o que poderá estar na origem deste decréscimo, impõe-se. As informações aqui apresentadas derivam da leitura e análise de diversos documentos, nomeadamente, o Projeto Educativo da Escola, a ficha de caracterização das turmas em estudo, com informações dadas pelos alunos, e posteriormente, fornecidas pelos Diretores de Turma para análise na investigação. Além disso, foram analisados os resultados da ficha diagnóstica e os resultados obtidos nas avaliações sumativas e de final de períodos, o que permitiu situar os 117 alunos das seis turmas do 9º ano envolvidas no estudo, de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR, p. 49) entre os níveis A1, A2 e B1 no que concerne às competências linguísticas e comunicativas (Quadro 1) Foi ainda aplicado um inquérito por questionário subordinado ao tema “A Língua Francesa e eu”, um inquérito por entrevista a um grupo de alunos voluntários e realizada uma atividade didática com os alunos.

A EB 2/3/S, escola sede do Agrupamento, cujo projeto educativo assenta na premissa: “educar para a cidadania” situa-se no concelho de Felgueiras. O Município de Felgueiras é limitado a Norte por Fafe e Guimarães, a Sul por Lousada e Amarante, a Poente por Vizela e a Nascente por Celorico de Basto. O concelho insere-se no Vale do Sousa, uma região com características próprias, dotada de uma agricultura fértil e com uma indústria do calçado outrora florescente. A escola sede tem quatro turmas do 5º, cinco do 6º, cinco do 7º, três do 8º e seis turmas, alvo do estudo, do 9º ano, e no ensino secundário existem duas do 10º, 2 do 11º e duas do 12º ano; existe ainda uma turma de CEF de Hotelaria e Serviço de mesa, uma de Ensino Vocacional 1 (VOC1) e outra turma de Ensino Vocacional 2 (VOC 2) de Calçado, Comércio e Desporto e ainda uma

turma do 10º de Ensino Profissional (Técnico de Restauração - variante restauração e bar). As doze turmas do 3º CEB têm FLE e uma turma do 11º optou pelo Francês como disciplina de opção bienal, sujeita a exame nacional no 11º ano de escolaridade. O Agrupamento é constituído por Jardins de Infância, Escolas Básicas do 1º Ciclo e a Escola Básica e Secundária onde se situa a escola sede do Agrupamento.

A escola sede está apetrechada com os recursos pedagógicos e didáticos essenciais: biblioteca, sala de TIC, uma sala de estudo com acesso a computadores, acesso à internet em toda a escola, laboratórios, algumas salas com quadros interativos, pavilhão gimnodesportivo, unidade de Educação Especial e serviço de Psicologia.

2. Caracterização dos intervenientes.

Optámos por realizar o estudo de caso com as turmas do 9º ano, num total de 6 turmas e de 117 alunos em condições de responder, uma vez que será, para quase todos os alunos, o último ano em que terão contacto com o Francês, enquanto disciplina.

As fichas de caracterização das turmas do 9º ano foram distribuídas no início do ano letivo 2014/ 2015, pelo que os dados fornecidos no Quadro 2 referem-se aos dados recolhidos até 30 de setembro de 2014, ou seja, início do ano letivo. Estas fichas de caracterização foram analisadas de acordo com o solicitado aos alunos: número de rapazes e raparigas por turma; média de idades, número de alunos com retenções ao longo do percurso escolar; total de níveis inferiores a 3 no ano anterior, total de níveis inferiores a 3 a Francês, Francês enquanto disciplina preferida, Francês enquanto disciplina com mais dificuldades, se já frequentava a escola e se esta escola é a que mais interessa. Verifica-se que nas turmas A,C,D e F existem alunos com necessidades educativas especiais (NEE), pelo que, de acordo com Despacho nº 5048-B/2013, o número de alunos por turma não ultrapassa os 20 alunos. A média de idades mais elevada de 14,6 pertence às turmas B e E. Na turma E, 60% dos alunos ficaram retidos ao longo

do seu percurso escolar, percentagem bastante elevada, sendo esta turma aquela que, neste ano letivo de 2014/2015, tem mais repetentes do 9º ano. Os alunos com NEE, com Plano Educativo Individual (PEI) usufruem de adequações curriculares e/ou de adequações na avaliação no processo de E/A; quanto aos alunos com Currículo Educativo Individual (CEI), estes apenas frequentam, com a turma, as aulas de carácter mais prático, tais como Educação Visual, Educação para a Cidadania ou Educação Moral Religiosa Católica, pelo que não frequentam as aulas de FLE.

Quanto à disciplina de FLE, podemos concluir que a maioria dos alunos não a considera como disciplina preferida, mas não é aquela onde têm mais dificuldades. É de referir que, na ficha de caracterização, o FLE surge em 1º, 2º ou 3º lugar nas escolhas dos alunos como sendo a sua preferida, tal como acontece na escolha daquela onde sentem mais dificuldades. Salienta-se o facto de haver alunos que não mencionaram a disciplina em nenhum dos casos.

Com efeito, se repararmos nos resultados obtidos na tabela que se segue, concluímos que o FLE não é de todo a disciplina preferida mas também não é aquela onde têm mais dificuldades (Quadro 1).

Turma	FLE: a disciplina preferida	FLE: disciplina com mais dificuldades	Níveis inferiores a 3 em Francês
9ºA	25%	30%	5%
9ºB	38,5%	38,5%	10%
9ºC	11,1%	11,1%	11,1%
9ºD	10%	25%	0%
9ºE	5%	15%	10%
9ºF	10%	25%	0%

Quadro 1 - O FLE: disciplina preferida/com mais dificuldades

Apesar de podermos considerar estas percentagens baixas no que diz respeito à preferência pela disciplina, os níveis inferiores a 3 em FLE, no final do 3º período do ano 2013/2014 são bastante reduzidos. Senão vejamos, no 9º A: 5%, nos 9º B e E: 10%, no 9ºC: 11,1% e nos 9º D e F houve 0% de níveis inferiores a 3. Na nossa opinião, este facto não demonstra que os alunos não

tenham dificuldades no processo de E/A, no entanto, indica que conseguem atingir os objetivos mínimos propostos.

À pergunta sobre se esta escola era a que mais interessava aos alunos, todas as turmas responderam afirmativamente, ainda que com algumas diferenças percentuais (Quadro 2). Salientamos o facto de a turma do 9ºF ser aquela onde se regista o menor número de níveis inferiores a 3 a todas as disciplinas e ser aquela que afirma em maior número que a EB2/3/S não é a escola que mais interessa.

9º A	9ºB	9ºC	9ºD	9º E	9ºF
94.7%	90%	73,6%	65%	100%	50%

Quadro 2 - Interesse pela EB2/3/S

Chamamos a atenção para o facto da referida ficha de caracterização das turmas conter mais informações além das expostas, no entanto, apenas as mais pertinentes para este estudo estão aqui focadas (Quadro 3).

	9ºA	N E E	9ºB	9ºC	NE E	9ºD	NEE	9ºE	9ºF	NEE
Rapazes	9	1 P EI	12	9	1 PEI	9	1 PEI	11	6	1 CEI
Raparigas	11		8	10		11		9	14	1 CEI
Média de idades (até 30 de setembro 2014)	14,2		14,6	13,9		14,2		14,6	14,1	
Retenções ao longo do percurso escolar	30 %		35%	38,8%		40%		60%	20%	
Níveis inferiores a 3 no ano anterior	55 %		75%	55,5%		70%		80%	30%	
Níveis inferiores a 3 a Francês	5%		10%	11,1%		0%		10%	0%	
Francês: disciplina preferida	25 %		38,5%	11,1%		10%		5%	10%	
Francês: disciplina com mais dificuldades	30 %		38,5%	11,1%		25%		15%	25%	
Já frequentava a escola	100 %		100%	100%		100%		100%	100%	

Esta escola é a que mais te interessa?	*Não: 5,2 % *Sim: 94,7 %		Não: 10 % Sim: 90 %	Não: 26,3 % Sim: 73,6 %		Não: 35 % Sim: 65 %		Não: 0 % Sim: 100 %	Não: 50 % Sim: 50 %	
--	-----------------------------	--	------------------------	----------------------------	--	------------------------	--	------------------------	------------------------	--

Quadro 3 - Caracterização das turmas

*19 alunos responderam a esta questão, pelo que a percentagem não abrange a totalidade da turma (20 alunos)

Ao longo do ano letivo 2014/2015 foram diagnosticadas as dificuldades na generalidade dos alunos, nomeadamente, nos do 9º ano de escolaridade, a saber: a falta de empenho nas tarefas propostas na sala de aula e no trabalho individual e de persistência, no sentido de superarem as suas dificuldades; alguma falta de responsabilidade e de autonomia e falta de hábitos e de métodos de estudo. No que diz respeito à disciplina de FLE, além das supra citadas, existem ainda as específicas de uma LE, tais como: dificuldades na interpretação e expressão oral e escrita, compreensão e aplicação de conhecimentos.

Apesar de sermos docentes das turmas B, C, D, E e F deste ano de escolaridade, este estudo abrangeu todos os alunos do 9º ano, incluindo a turma A. É de referir que consideraremos um total de 117 alunos em condições de responder, e não 119, porque os alunos com NEE que usufruem de uma CEI não constam da nossa investigação uma vez que não assistem às aulas de FLE, como já atrás referido.

Realçamos ainda o facto de 100% dos alunos da EB2/3/S estarem inscritos na disciplina de FLE. Foi consultada a Direção do Agrupamento no sentido de verificar se estes dados estão de acordo com a vontade dos alunos de escolher Francês ou se estes escolhem esta língua porque não têm outra escolha. A Direção do Agrupamento esclareceu que a escola não oferece outra opção porque, no momento em que os alunos optam pela LE no 7º ano, não se registou, até à data, um número suficiente de solicitações para formar uma turma de outra LE, como por exemplo, o Espanhol.

Segundo dados fornecidos pela Direção Geral da Estatística da Educação e Ciência (DGEEC/MEC), (cf. Anexo 1), o número de alunos inscritos no 3º CEB na disciplina de Francês, entre os anos letivos 2008/2009 e 2013/2014, teve um decréscimo digno de registo no espaço de cinco anos. Verificámos que há efetivamente um decréscimo de 36 366 alunos inscritos na disciplina, tal como se pode verificar no quadro seguinte:

Ano letivo	Número de alunos inscritos no 3º CEB na disciplina de Francês
2008/2009	270 164
2009/2010	253 712
2010/2011	245 629
2011/2012	238 325
2012/2013	239 177
2013/2014	233 798

Quadro 4 - Número de alunos inscritos no 3º CEB na disciplina de Francês, entre 2008 e 2014.

(Fonte: DGEEC/MEC, Outubro de 2015)

3. Metodologia de estudo

Para esta investigação, o método de estudo que, na nossa opinião, mais se adequa ao nosso propósito (identificar e descrever as representações que os alunos das 6 turmas de 9º ano da EB 2/3/S têm sobre a língua francesa, as razões da sua opção pela aprendizagem desta LE2 no 3º CEB e perceber que tipo de atividades, recursos ou estratégias dizem os alunos estar na origem da motivação / desmotivação no processo E/A de línguas estrangeiras), é o do estudo de caso.

Esta metodologia viabiliza “o conhecimento pormenorizado de uma situação, por recurso a métodos qualitativos e quantitativos, (que) permite compreender naquela o particular na sua complexidade, ao mesmo tempo que pode abrir caminho, sob condições muito limitadas, a algumas generalizações empíricas, de validade transitória.” (Pardal & Lopes, 2011, p. 32)

O método de estudo de caso contribui para o conhecimento de “fenómenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados.” (Yin, 2010, p. 24) pelo que as ciências sociais, a sociologia, a educação, antropologia, entre outras, usam este método de pesquisa de forma natural.

Partindo do princípio que um caso específico não pode ser replicado devido às suas especificidades, optamos por este tipo de

investigação, estudo de caso, que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspetos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse (Ponte, 2006, p. 2).

De acordo com Ferreira e Serra (2009), um estudo de caso deve demonstrar o objeto de análise -o quê-, os intervenientes - quem -, o momento de intervenção - quando -, o local de intervenção - onde -, a metodologia – como - e os fundamentos – porquê -. Para responder a estes itens, o investigador tem de

fazer um trabalho prévio de organização e de planeamento do seu projeto de investigação.

No mesmo sentido, Yin (2010, p. 39) defende o uso do método de estudo de caso quando se deseja “investigar um fenómeno contemporâneo em profundidade e em contexto de vida real”. Se houver respostas às questões “como” e “por que”, Yin (2010, p. 31) considera que o uso de estudo de caso sairá favorecido.

Portanto, e como já foi referido, a estratégia que melhor se adequa ao nosso estudo é o estudo de caso que conforme Pardal e Correia (1995, p. 22) afirmam “facilita a procura do conhecimento pormenorizado de uma situação”. No nosso caso em concreto, o que pretendemos conhecer são as representações que têm os alunos do 9º ano de escolaridade da EB2/3/S do Francês, da França e da francofonia; pretendemos ainda saber quais as motivações dos alunos do 9º ano da EB 2/3/S ao optarem pelo Francês aquando da escolha da LE2 no 7º ano de escolaridade e que fatores influenciam a (des)motivação para o estudo da língua.

Esta investigação decorreu ao longo do ano letivo 2014 / 2015 e recorreu-se ao inquérito por questionário, ao inquérito por entrevista e à realização de uma atividade didática a fim de obter respostas às nossas questões de investigação.

Este trabalho de investigação está, portanto, alicerçado em dois caminhos de pesquisa: a investigação qualitativa acerca das representações dos discentes sobre o FLE e a análise das informações recolhidas quer no inquérito por questionário quer nas entrevistas feitas aos alunos sobre os fatores de (des)motivação para a aprendizagem do FLE, tendo para tal, optado pelo paradigma quantitativo, pelo que podemos afirmar que o nosso método de investigação é misto.

Optámos por esta metodologia qualitativa já que ela se centra “essencialmente na compreensão e interpretação dos acontecimentos” (Pardal & Lopes, 2011, p. 24) e por métodos quantitativos, uma vez que se deu ênfase, ainda que superficialmente, a modelos matemáticos e estatísticos nas diversas etapas da investigação (Pardal & Lopes, 2011, p. 23).

Apesar de se privilegiar o método qualitativo e considerar que se trata de um estudo essencialmente descritivo, explicativo e analítico, que admite ser flexível e subjetivo, foi necessário recorrer a métodos quantitativos para o tratamento de dados, com uma estatística simples. Não obstante, não se pretende, de todo, uma medição rigorosa dos resultados nem a sua generalização.

4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

No que concerne à coleta de evidências do estudo de caso, foram utilizadas várias técnicas e instrumentos de recolha de dados: análise de documentos; observação direta; inquérito por questionário ao universo de alunos do 9º ano da EB2/3/S, num total de 6 turmas; inquérito por entrevista a um grupo de alunos voluntários de 5 turmas do 9º ano; registo de dados; recolha de informações e interpretação de dados. Por fim, procedeu-se a uma triangulação de dados feita a partir dos dados recolhidos, ou seja, à verificação dos dados recolhidos a partir de “*diferentes informantes, em situações variadas e em momentos diferentes*” (Ludke & Andé, 1986, in Pardal & Lopes, 2011, p. 25).

Face às vantagens que oferece, optamos pela aplicação do inquérito por questionário, pois este “*constitui seguramente a técnica de recolha de dados mais utilizada no âmbito da investigação*” (Pardal & Correia, 1995, p. 49). A grande vantagem do questionário é a garantia do anonimato, facto que pudemos comprovar, pois os alunos responderam genuinamente depois de perceberem que o nome de identificação solicitado seria um nome fictício. A grande desvantagem é a dificuldade em interpretar as questões, o que compromete os resultados e, além disso, a leitura de todas as questões antes de responder, facilitando a resposta em grupo, pode perturbar a informação (cf. Pardal & Lopes, 2011, p. 74). O inquérito por questionário promove uma maior simplicidade de análise e uma maior rapidez na recolha e análise de dados, no entanto, a dificuldade na conceção e a elevada taxa de não respostas são detalhes a ter em conta (Carmo & Ferreira, 1998, p. 147).

4.1. Inquérito por Questionário

O primeiro instrumento de recolha de dados produzido e aplicado por nós foi o inquérito por questionário com o qual pretendemos responder às perguntas de investigação a partir das respostas obtidas.

Quanto à análise dos dados propriamente dita, numa primeira fase, foi feita a recolha das informações retiradas do inquérito por questionário, quer através das respostas às perguntas cujos dados foram submetidos a uma contagem/estatística simples, sendo usado, para tal, o método quantitativo, quer pelos dados extraídos das respostas às perguntas abertas que foram analisadas qualitativamente, recorrendo à análise categorial de conteúdo, ou ainda a partir das respostas às perguntas de escolha múltipla, consideradas tendencialmente fechadas.

Dada a dificuldade em construir um questionário sem ambiguidades ou imprecisões, quer no que diz respeito à elaboração de questões, quer no que diz respeito à análise dos dados, foi fundamental uma pesquisa na área da educação em estudos já realizados, nomeadamente, Marques (2012) e Pinto (2005).

Com os resultados alcançados com este inquérito foi-nos dado a conhecer o perfil das turmas do 9º da EB 2/3/S, as representações que os alunos têm do Francês, da França e da francofonia e as motivações dos alunos do 9º ano da EB 2/3/S ao optarem pelo Francês aquando da escolha da LE2 no 7º ano de escolaridade.

No quadro que se segue estão patentes as perguntas elaboradas para o efeito bem como os seus objetivos.

Perguntas	Objetivos
1: Nome (fictício); 2: Sexo; 3: Profissão dos pais; 4: Habilitações dos pais	Caracterizar a turma e o seu agregado familiar
5: Tens irmão(s) mais velho(s) que estuda(m) (ou já estudaram) francês. 11: Tens contacto direto com o francês fora do contexto escolar 12: Já viveste ou os teus pais já viveram num país estrangeiro. 12.1. Em que país(es)? 12.2: Durante quanto tempo? 12.3: Falas a língua desse país?	Conhecer a relação dos alunos com o Francês
13: Gostarias de viver no estrangeiro? 13.1. Onde? 13.2. Porquê?	Conhecer a relação dos alunos com o estrangeiro
6: Escolheste Francês como Língua Estrangeira 2 porque: a. A escola não oferecia outra opção. b. Queria aprender / estudar Francês. c. Outro: 7: Indica os motivos que te levaram a querer estudar Francês como Língua Estrangeira (FLE).	Identificar os motivos que levaram os alunos a escolher FLE.
8: Se houvesse outra opção na tua escola: a. Continuarias a escolher o FLE? b. Que língua escolherias e porquê? 9: Indica o teu grau de motivação para a aprendizagem do FLE. 10: A motivação depende de vários fatores. Coloca uma cruz nos itens com os quais te identificas. 14.3: Para aprender a falar francês, preciso de...	Identificar o grau e o tipo de motivação para o estudo do FLE.
14. Completa as frases seguintes: 14.1. Para mim, a língua francesa é.. 14.2. Para mim, as pessoas que falam francês são...	Identificar as imagens / representações dos alunos sobre: - a língua francesa; - as pessoas que falam francês;

Quadro 5 - Perguntas e objetivos do inquérito por questionário

Os dados obtidos foram organizados por categorias de codificação, subcategorias e instrumentos com base nos objetivos propostos. Partindo dos pressupostos elencados por Grawitz (1993), citada por Carmo e Ferreira (1998, p. 255), acerca da criação de categorias, teve-se em consideração o facto de estas serem: exaustivas, exclusivas, objetivas e pertinentes. Exaustivas porque devem estar presentes todos os dados a ter em conta na investigação; exclusivas porque mesmos elementos devem pertencer a apenas uma categoria; objetivas porque devem explicar sem ambivalência as características das categorias; e pertinentes porque devem manter uma estreita sintonia com os objetivos da investigação propostos e com os conteúdos classificados.

4.2. Atividade para a Investigação

Quanto à recolha de dados da atividade “Dis-moi dix mots”, foi feito o levantamento do número de vezes que os alunos referiram determinada(s) palavra(s) e que palavra(s), afim de aferir as suas representações. Para esta análise foram usados os métodos qualitativo e quantitativo, mas sempre com maior ênfase no paradigma qualitativo. Este levantamento foi feito para todas as categorias e subcategorias delineadas por nós, no que diz respeito ao número de ocorrências e à palavra referida. Assim sendo, a análise incide sobre as seguintes situações:

1. o número de ocorrências dos símbolos mais referidos por categoria e qual o símbolo referido;
2. o número de ocorrências na categoria “Personalidades” e nome mais indicado;
3. o número de ocorrências na categoria “Monumentos” e o nome mais apontado;
4. o número de ocorrências na categoria “Alimentos” e a palavra mais referida;

5. o número de ocorrências na categoria “Clubes/cidades/países” e a palavra mais mencionada;
6. o número de ocorrências nas subcategorias :Características morais e psicológicas; características socioeconómicas; características histórico-culturais, e aspetos físicos e respetivas palavras mais usadas,
7. o número de ocorrências na subcategoria
8. e a categoria com mais ocorrências por aluno.

4.3. Inquérito por Entrevista

Por último, optámos pelo inquérito por entrevista, que relativamente ao questionário “possibilita a obtenção de uma informação mais rica.” (Pardal & Lopes, 2011, p. 85), uma maior flexibilidade quanto ao tempo de duração, uma adaptação a novas situações e uma maior profundidade que permite observar o entrevistado (Carmo & Ferreira, 1998, p. 147).

Segundo Yin (2010, p. 133), num estudo de caso, a entrevista é “em profundidade: ”O investigador pode *“perguntar aos respondentes-chave sobre factos de um assunto, assim como suas opiniões sobre eventos. Deixará de ser um mero respondente para passar a ser um “informante”*. A entrevista também pode servir para corroborar determinados factos já determinados (cf. Yin, 2010, p. 134).

Partindo do princípio de Carmo e Ferreira (1998, p. 147), por vezes é necessária uma adaptação a novas situações, pelo que foi necessário adaptar as perguntas aos entrevistados sem nunca perder de vista o objetivo final, que é obter as respostas às questões de investigação.

Perguntas	Objetivos
1. Quando escolheram no 7º ano o Francês, escolheram-no porquê? Porque foram obrigados a escolher ou porque queriam mesmo escolher o Francês?	Identificar os motivos que levaram os alunos a escolher FLE.
2. Então se houvesse outra opção, não teriam escolhido o Francês? 3. Vamos imaginar que tinham a possibilidade de voltar para o 7º, e tinham a possibilidade de Escolher novamente uma língua, voltavam a escolher o Francês ou não?	Identificar o grau e o tipo de motivação para a escolha do FLE.
4. O que acham dos franceses? 5. O que sabem sobre a cultura francesa? 6. Só se fala francês em França? 7. Além da França há algum país onde se fala francês, onde seja a língua oficial? 8. E que sabem sobre estes países francófonos? Sabem alguma coisa?	Identificar as imagens / representações dos alunos sobre: - a língua francesa; - os falantes - a francofonia
9. Quando escolheram Francês, estavam motivados para estudar Francês? E continuam motivados? 10. Então vocês desmotivam porquê? Porque os assuntos não são interessantes, o programa? São os professores que não dão aulas como vocês gostam? 11. Quando os assuntos não são interessantes, o professor deve ... E assim., já ficam motivados para estudar?	Identificar o grau e o tipo de motivação para o estudo do FLE.
12. Entre o Francês e o Inglês, na vossa opinião, qual é a língua mais importante? 13. E entre o Espanhol e o Francês? 14. E entre o Espanhol e o Inglês? 15. Então por ordem, por grau de importância seria: 16. E porque é importante o Francês?	Conhecer a relação dos alunos com o Francês e as representações sobre a importância da língua francesa.
17. Quando falamos da motivação, e disseram que quando os assuntos não são interessantes, os professores devem torná-los interessantes arranjar atividades e estratégias diferentes... e os alunos o que podem fazer?	Identificar o grau e o tipo de motivação para o estudo do FLE e estratégias de motivação
18. Vamos imaginar que, agora que vão para o 10º ano, pedem-vos para escolher uma língua de iniciação, uma nova língua, que língua escolheriam? 19. Vamos imaginar que não tinham tido Francês no 7º ano, e tinham de escolher uma língua de iniciação no 10º, que língua escolheriam?	Identificar o grau e o tipo de motivação para o estudo do FLE e verificar se a opção do FLE se manteria, após dois anos de aprendizagem.

Quadro 6 - Perguntas e objetivos do inquérito por entrevista

Depois da primeira análise dos dados, comparámos, posteriormente, evidências provenientes de diferentes instrumentos de recolha de dados, de modo a proceder à sua triangulação.

5. Apresentação do estudo de caso

A investigação para este estudo de caso foi levada a cabo durante o ano letivo 2014/2015, no âmbito da disciplina de Francês, nas seis turmas de 9º ano, num total de 89 alunos participantes, numa EB2/3/S do concelho de Felgueiras. Os objetivos deste estudo prendem-se com a identificação e descrição das representações que os alunos do 9º ano da EB 2/3/S têm sobre o Francês, a França e a francofonia em geral; as razões da sua opção pela aprendizagem desta LE2 no 3º CEB em detrimento de outra LE. Pretende-se ainda perceber que tipo de atividades, recursos ou estratégias dizem os alunos estar na origem da motivação/desmotivação no processo E/A do FLE.

A delineação dos objetivos e das questões de investigação surgiu numa primeira fase, durante o 1º período do ano letivo 2014/ 2015; na última semana de aulas do 1º período, procedeu-se à aplicação do inquérito por questionário; no 2º período, no dia 20 de março, festejou-se o *Dia da francofonia* com a organização e realização da atividade “Dis-moi dix mots”; por fim, no 3º período foi aplicado o inquérito por entrevista. O trabalho de recolha de informações bem como o tratamento de dados decorreu à medida que as informações iam surgindo (Quadro 7).

Objetivos de investigação	<ul style="list-style-type: none">• Identificar e descrever as representações que os alunos do 9º ano da EB 2/3/S têm sobre a língua francesa;• Compreender as razões da sua opção pela aprendizagem desta LE2 no 3º CEB.
---------------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber que tipo de atividades, recursos ou estratégias dizem os alunos estar na origem da motivação / desmotivação no processo ensino/aprendizagem de LE. • Identificar os fatores que estão na origem da (des)motivação para o estudo da língua.
Métodos e Técnicas de recolha de dados	<ul style="list-style-type: none"> • inquérito por questionário aplicado entre os dias 8 e 12 de dezembro 2014; • inquérito por entrevista aplicado entre os dias 1 e 5 de junho 2015. • Recolha de dados da Atividade lúdica “Dis-moi dix mots” realizada no dia 20 de março 2015.
Características	<p>Estudo de caso</p> <p>Participantes: 89 alunos no questionário 81 alunos na atividade lúdica 22 alunos na entrevista</p>
Cronograma	<p>1º período: aplicação do inquérito por questionário;</p> <p>2º período: atividade lúdica “Dis-moi dix mots”;</p> <p>3º período: entrevistas</p>

Quadro 7 - Esquema geral do projeto

No final do 1º período, foi aplicado o questionário a todas as turmas do 9º ano de escolaridade, num total de 117 alunos inscritos na disciplina de Francês. No entanto, apenas 89, ou seja 76,06% dos alunos inscritos, responderam ao referido questionário por motivos alheios ao processo de investigação, sendo esta situação apontada, por nós, como uma das limitações do estudo.

As 14 perguntas que elaborámos para este inquérito por questionário são perguntas abertas e perguntas fechadas. Na modalidade de perguntas fechadas, incluímos perguntas de escolha múltipla (cf. Pardal & Lopes, 2011, p. 76,77).

No 2º período realizou-se a atividade *Dis-moi dix mots*, no dia 20 de março de 2015, dia do Agrupamento de Escolas e Dia da francofonia. Nesse dia, o grupo

disciplinar de Francês assinalou a Festa da francofonia com a atividade *Dis-moi dix mots*. Com origem em França, a Semana da Língua Francesa e da Francofonia é um evento nacional, organizado pelo *Ministère de la Culture et de la Communication*, associado a vários parceiros tais como a França, a Bélgica, o Québec, a Suíça e a *Organisation Internationale de la Francophonie* (que inclui 77 estados e governos no mundo inteiro). Este acontecimento ocorre entre os dias 14 e 22 de março, com os objetivos de promover o reconhecimento da língua francesa e das culturas francófonas e sensibilizar o grande público da forma lúdica para a língua francesa (cf. www.education.gouv.fr).

A atividade desenvolvida nesta escola teve por base a proposta do *Ministère de la Culture et de la Communication* que convida escolas nacionais a “trabalhar” e aprofundar o sentido de dez palavras previamente fornecidas pelos vários parceiros internacionais, das mais variadas formas (em texto, teatro, filmes ou músicas, por exemplo). Partindo desta ideia, foi proposto aos alunos das seis turmas 9º ano da escola que escrevessem as dez primeiras palavras que lhes surgissem quando pensassem nos franceses, na cultura francesa e/ou que estivessem relacionadas com a francofonia, em geral. Enquanto responsáveis pela organização desta atividade bem como pela sua realização, com o apoio do grupo de Francês, procedemos à distribuição de um cartão por aluno (uns azuis, outros brancos e outros ainda vermelhos, de acordo com as cores da bandeira francesa) no qual escreveriam as referidas palavras.



Figura 3 - Painel com os cartões

81 alunos aderiram à proposta de imediato e, no dia 19 de março, os professores de FLE e um grupo de alunos voluntários colaram os cartões preenchidos num painel com as cores da bandeira francesa (Figura 3), organizaram o espaço na biblioteca com uma exposição de trabalhos de alunos sobre o tema dos cientistas franceses (cf. programa de Francês do 3º ciclo do Ensino Básico - 9º ano), tal como consta na Figura 4; puseram à disposição dos alunos, para consulta, o primeiro jornal “Charlie Hebdo” editado após o atentado terrorista nas instalações do jornal (Figura 5); ordenaram as cadeiras de forma a proporcionar um ambiente cinematográfico aquando da projeção do filme *Qu’est-ce qu’on a fait au Bon Dieu?* (anexo2) e dispuseram as mesas para servir um lanche francês, durante o intervalo da projeção do filme.



Figura 4 - Exposição na biblioteca



Figura 5 - Jornal "Charlie Hebdo"

Os alunos do Curso de Educação e Formação de Jovens (CEF), convenientemente fardados, serviram o lanche constituído por "croissants", "pains au chocolat" e "chocolat chaud" aos colegas, professores e funcionários presentes na biblioteca (Figuras 6 e 7).



Figura 6 - Lanche francês, na Biblioteca.



Figura 7 - Lanche francês, na Biblioteca

A comunidade escolar teve conhecimento desta proposta através dos docentes de FLE e de um cartaz alusivo ao programa do Dia da francofonia, que ocorreu no dia 20 de março, afixado em vários pontos estratégicos da escola. (anexo 3).

Com esta atividade, além de se pretender conhecer as imagens que os alunos têm em relação ao francês e à francofonia, em geral, através da recolha de dados e posterior categorização, também se pretendeu contribuir para a promoção e divulgação da língua e da cultura francesas.

Constante no Plano Anual de Atividades do Agrupamento (PAA), este acontecimento proporcionou a interdisciplinaridade entre o grupo disciplinar de Francês, a Biblioteca Escolar e o CEF de restauração. A Biblioteca foi o espaço escolhido para a realização desta atividade, que além de contribuir com a cedência do espaço, também foi primordial na sua organização logística; quanto ao grupo de alunos do CEF, supervisionado pelos professores das disciplinas práticas, este ficou responsável pelo serviço de mesa que serviu o lanche francês aos alunos, aos funcionários e aos professores presentes.

De forma a aproveitar o espaço e o dia da francofonia, alguns trabalhos de alunos foram expostos, subordinados ao tema dos investigadores e cientistas franceses (cf. Programa de Francês do 3º ciclo do Ensino Básico - 9º ano). A biblioteca “respirava” francês, as cores da bandeira francesa estavam presentes, o lanche e o filme culminaram o dia.

Em síntese, a comunidade escolar da EB 2/3/S teve a oportunidade de contactar com a cultura francesa através de uma atividade didática realizada pelos alunos do 9º ano desta escola, cujos objetivos prendem-se com as questões de investigação deste estudo, da degustação de um lanche francês e do visionamento de um filme francês.

Neste capítulo apresentámos ainda o esquema geral do projeto tendo em conta os objetivos da investigação, os métodos e técnicas de recolha de dados, as características deste estudo e o cronograma.

Um falante de uma língua não tem nunca as mesmas competências, nem as desenvolve da mesma maneira que outro, quer se trate de falantes nativos ou de aprendentes estrangeiros. (QECR, p. 40)

CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

1. Técnicas de análise de dados

De acordo com os objetivos traçados desde o início, recorreremos à metodologia do tipo misto. Todavia, deu-se primazia ao método qualitativo uma vez que se pretende a análise do conteúdo das respostas do inquérito por questionário e do conteúdo das entrevistas realizadas a um grupo de alunos. Conforme Pardal e Lopes (2011, p. 28) afirmam a combinação dos dados qualitativos e quantitativos

pode ser orientada para a transformação dos dados qualitativos em dados quantitativos e vice-versa, à semelhança do que pode ocorrer na análise da frequência de certas respostas em entrevistas e na explicação do motivo por que certos padrões de resposta surgem com grande frequência nos questionários.

O inquérito por questionário (Anexo 3) entregue aos alunos tem por base o exemplo de Candelier (1997) que dividiu os enunciados em cinco rubricas : “*la langue elle-même ; les locuteurs de cette langue ; le/les pays où on la parle ; l’école et l’apprentissage ; l’environnement social de l’interviewé.*” Além destas rubricas que não foram divididas de forma tão estanque, as perguntas foram elaboradas com vista a perceber os motivos que levaram os alunos a escolher o FLE e o seu grau de motivação no processo de E/A. O inquérito por questionário foi aplicado em sala de aula pelos professores ou diretores de turma sem a presença da investigadora. Preferimos não estar presentes de forma a não perturbar, intimidar ou influenciar, ainda que inconscientemente, as respostas dos inquiridos.

Dada a extensão do inquérito e o número de participantes ser bastante elevado e na tentativa de dar resposta às questões de investigação: Que fatores influenciam a (des) motivação para o estudo do FLE? Que representações têm os alunos do Francês, da França e da Francofonia? E Quais as motivações dos

alunos do 9º ano ao optarem pelo FLE no 7º ano? delineadas de acordo com os objetivos já referidos anteriormente, cingiremos a nossa análise às questões 6,7,8,9,10, 14 e 14.3. do questionário (Quadro 6). Apesar de não constarem desta análise, os dados obtidos nas restantes respostas às perguntas formuladas no inquérito por questionário, já apresentado no quadro 5, serviram de informações adicionais relativamente ao público-alvo.

Por conseguinte, os principais objetivos do questionário prendem-se com a caracterização dos alunos envolvidos no estudo ao nível dos dados pessoais e familiares; da sua relação com o Francês e com o estrangeiro; do grau de motivação para estudar FLE e das representações dos alunos face ao FLE. O inquérito por entrevista serviu de reforço ao questionário, no que diz respeito à confirmação, ou não, dos dados fornecidos no questionário ou obter novas informações.

No que concerne ao inquérito por entrevista, este é considerado *“uma das fontes mais importantes de informação para o estudo de caso”*, pois o entrevistador *“pode perguntar aos respondentes-chave sobre fatos de um assunto assim como suas opiniões sobre eventos”*. Quando o entrevistado propõe os seus próprios *“insights”*, este terá um papel *“de “informante” e não o de um respondente”* (Yin, 2010, p. 133).

Ao ter em linha de conta os objetivos iniciais, as perguntas elaboradas na entrevista visaram sempre responder às questões de investigação já mencionadas. Os alunos entrevistados identificaram-se com os mesmos nomes fictícios escolhidos no inquérito por questionário o que permitiu clarificar as respostas dadas no questionário. Tiveram a oportunidade de se expressarem livremente (em português) e pudemos verificar que as respostas às questões comuns ao inquérito e à entrevista, coincidiram. Ao perceber que as suas respostas não influenciaram de forma alguma a atribuição das notas finais e que serviriam apenas para este estudo, os alunos revelam-se bastante sinceros nas suas respostas.

De seguida, houve necessidade de categorizar as diferentes respostas, através da análise do seu conteúdo e, por sua vez, foram elaboradas subcategorias, de acordo com o enquadramento teórico, as questões de investigação e objetivos (Quadro 8).

Categoria	Subcategorias	Instrumentos
1. Motivos que levam os alunos a escolher FLE	1. a) futuro 1. b) facilidade 1. c) afetividade 1. d) utilidade 1. e) prestígio	Inquérito por questionário: perguntas 6 e 7 Inquérito por entrevista
2. Perceção do Francês e dos falantes	2. a) afetividade 2. b) personalidade e caráter 2. c) língua 2. d) interesse	Inquérito por questionário: perguntas 14.1 / 14.2 Inquérito por entrevista
3. Motivação para a aprendizagem do FLE	3. a) interesse 3. b) afetividade 3. c) razões familiares	Inquérito por questionário: perguntas 8,9,10,14.3 Inquérito por entrevista

Quadro 8 - Categorias, subcategorias e instrumentos

2. Análise de dados

Nesta parte do estudo, e tendo sempre como intuito perceber as representações que os alunos têm do Francês e o seu grau de motivação para a aprendizagem desta língua em contexto escolar, procederemos à análise e discussão de dados através das técnicas de análise de dados e de estatística simples.

Sublinha-se o facto de se proceder a uma triangulação de dados sempre que possível e necessário, baseada nos resultados do inquérito por questionário, do inquérito por entrevista e da atividade didática realizada na escola.

Tal como referido anteriormente, o mais importante para a nossa análise e de acordo com os nossos objetivos, são as repostas dadas às perguntas 6,7,8,9,10, 14 e 14.3. do questionário (Anexo 4).

À pergunta 6. *Escolheste Francês como Língua Estrangeira 2 porque: A escola não oferecia outra opção / Queria aprender / estudar Francês / Outro:* 48,3% dos alunos responderam que a escola não oferecia outra opção e 50,5% assinala que queria aprender / estudar Francês; o restante 1,2% limitou-se a não responder à questão e nenhum aluno apresentou outra resposta (Quadro 10). Perante estes dados fornecidos pelos alunos, estes resultados contrariam de alguma forma os dados fornecidos pela Direção do Agrupamento (cf. caracterização dos intervenientes). Face a estes resultados, foram questionados os 48,3% dos alunos que responderam que a escola não oferecia outra opção, e uns acabaram por revelar que, aquando das matrículas não solicitaram outra LE, outros disseram que não tinham opção porque o Encarregado de Educação assim o tinha decidido, por isso, não o pediram no ato da matrícula. Podemos verificar que estas afirmações vão ao encontro do que foi afirmado pela Direção do Agrupamento segundo a qual não haveria matrículas suficientes para a formação de turmas com outra(s) LE(s).

A escola não oferecia outra opção		Queria aprender / estudar Francês	Outro	
43 ocorrências	48,3%	45 ocorrências	50,5%	0 ocorrências

Quadro 9 - Razões da escolha do Francês como Língua Estrangeira 2

No caso de terem afirmado que *Queria aprender / estudar Francês*, os inquiridos teriam de responder à pergunta 7: *Indica os motivos que te levaram a querer estudar Francês como Língua Estrangeira (FLE) (Numera de 1 a 5, sendo que 1 é o mais importante e 5 o menos importante.)* Sabendo que existem inúmeras variáveis, analisamos o motivo considerado mais importante pelos alunos (1, na escala). Tendo em conta que uma parte dos alunos não respondeu

a esta questão, num total de 50 alunos, faremos a análise a partir do número total de 39 alunos que responderam, ou seja, 43% dos respondentes. A preocupação com o futuro e o facto de poder ser útil” (subcategorias 1. a) e 1.d) do Quadro 10) afigura-se ser o motivo pelo qual os estudantes escolheram o FLE, pois dos 39 alunos que responderam à questão, 22 indicaram-no como sendo o motivo mais importante. 7 indicam que escolheram o FLE porque gostam da língua e da cultura (subcategoria 1. c) do Quadro 10); 5 dizem que parece ser fácil de aprender (subcategoria 1. b) do Quadro 10); 4 indicam que o motivo mais importante é que falar francês dá prestígio (subcategoria 1. e) do Quadro 10). 1 indica outro motivo, sendo ele que o Francês é *fixe*.

Categoria	Subcategorias	Ocorrências	
1. Motivos que levam os alunos a escolher FLE	1. a) futuro	1.a) 1.d)	22
	1. b) facilidade	1. b)	5
	1. c) afetividade	1. c)	7
	1.d) utilidade		
	1. e) prestígio	1. e)	4

Quadro 10 - Motivos da escolha do FLE

O futuro, a utilidade e o gosto pela língua são fontes de representações que variam conforme os contextos em que os sujeitos se movem (cf. Coste, 2001). As imagens ligadas à possibilidade de um futuro melhor servem, sem dúvida, de motivação para o estudo FLE, pois os alunos têm consciência que se souberem falar a língua, poderão conseguir um emprego melhor no futuro, quer em Portugal quer no estrangeiro. Na entrevista à turma E, por exemplo, o aluno Joaquim Cebola¹ afirmou que se souber falar bem francês, pode vir a ter um emprego melhor em Portugal, caso não vá para o estrangeiro, o que confirma os dados fornecidos pelo inquérito por questionário; o facto de haver coincidência nas respostas demonstra que responderam sem pressão e com honestidade. A Andrea, do 9ºD, também pensa no futuro, pois o francês pode ser necessário “*para ir tirar um curso*”, uma vez que “*em França há muitas oportunidades portanto pode-se ir para lá*”.

¹ Nome fictício, escolhido pelo aluno (tal como todos os nomes que aparecem, de forma a preservar o anonimato dos participantes).

À pergunta 8: *Se houvesse outra opção na tua escola, continuarias a escolher o FLE?* 72 alunos, ou seja, 80,8% dos discentes optariam novamente pelo FLE, mais de dois anos após terem iniciado a sua aprendizagem formal.

No caso de a resposta ser *não*, foi-lhes perguntado *que língua escolherias e porquê*. 17 alunos, ou seja, 19,1% dos alunos, disseram que escolheriam outra língua. Assim sendo, foi referido o Espanhol, o Alemão, o Italiano, o Mandarim e o Latim (Quadro 11). Apesar de não constar a opção “não sei”, 2 alunos deram esta resposta, um deles afirmou que dependeria do que os amigos escolhessem. 2 alunos não justificaram a sua resposta; os restantes referiram que os motivos que os levariam a escolher outra língua prendem-se com a possibilidade de ir trabalhar para Andorra ou Suíça (no cantão Alemão), por terem familiares nesses países; 4,4% justificou a sua opção, dizendo que o Espanhol seria mais fácil de compreender e falar; 1,1% afirmou que dependia da opção oferecida mas, mesmo assim, preferia outra língua.

Língua	Ocorrências	Percentagem
Espanhol	15	16,8%
Alemão	2	2,2%
Italiano	2	2,2%
Mandarim	1	1,1%
Latim	1	1,1%

Quadro 11 - Opção por outra língua

É interessante e surpreendente verificar que a grande maioria dos alunos optaria novamente pelo Francês. Tendo em conta as nossas convicções iniciais de que os alunos não estão muito motivados para a aprendizagem do FLE, ligado ao facto de se registar um decréscimo nas inscrições na disciplina de Francês e em consequência disso um decréscimo na oferta do horários completos e anuais para professores contratados, os resultados são bastantes satisfatórios. A situação, nesta escola, parece-nos algo atípica, pois, tendo a oportunidade de escolher outra LE, porquê optar novamente pelo FLE?

Provavelmente, a motivação estará na origem destes resultados, se não vejamos:

À pergunta 9: *Indica o teu grau de motivação para a aprendizagem do FLE*, 3,3% respondeu que não está nada motivado para a aprendizagem do FLE; 8,9%, está um pouco motivado; 46% está motivado o suficiente; 29,2% está muito motivado e 12,3% está bastante motivado (Gráfico 1). Face a estes resultados, ficou bem explícito que os alunos do 9º ano estão motivados para a aprendizagem do FLE. Estas respostas contradizem, novamente, as nossas concepções iniciais: a convicção de que a grande maioria dos alunos não se sente muito motivada para a aprendizagem do FLE.

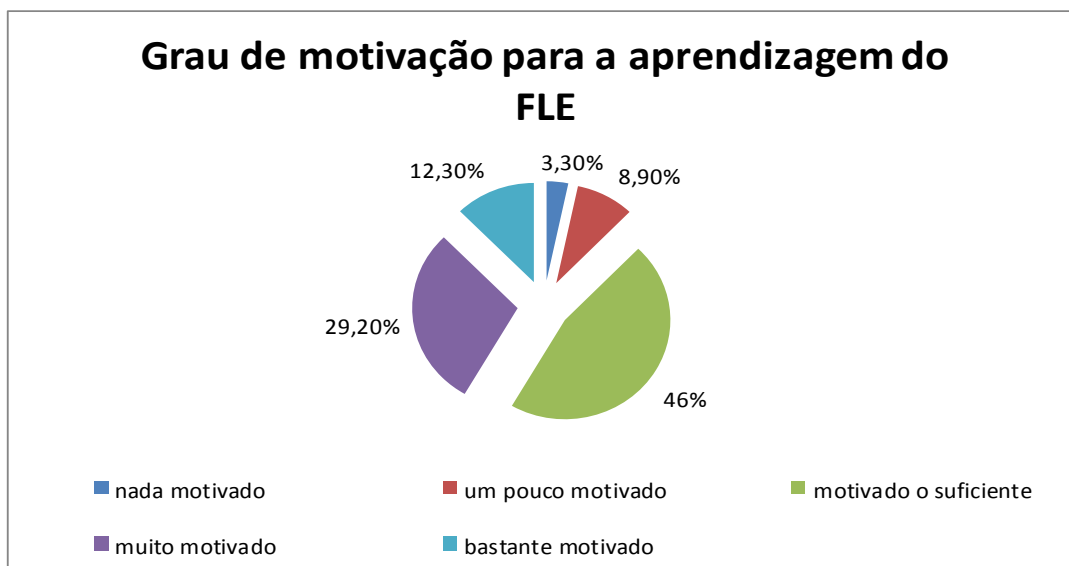


Gráfico 1 - Grau de motivação para o estudo do FLE

Na sequência desta questão, foi solicitado que indicassem os fatores que promovem a motivação ou desmotivação para o estudo o FLE (Quadro 12). Na resposta a esta pergunta, os alunos poderiam escolher uma ou mais opções. A grande maioria (61 alunos) indicou que o fator que mais motiva para o estudo do FLE é gostar da língua (subcategoria 3. b) do Quadro 13); outros (63 alunos) gostam da forma de ensinar do professor; outros (73 alunos) gostam das atividades realizadas em sala de aula; outros (58 alunos) gostam da cultura francesa e 1 aluno diz que um dos fatores que o motiva é o facto de ter muitos familiares franceses (subcategoria 3. c) do Quadro 13). Em contrapartida, 13 alunos afirmam não gostar da língua e 15 não indicaram se gostavam ou não do

Francês; 7 acham que os conteúdos programáticos não são interessantes; 8 não gostam da cultura francesa; 1 aluno não gosta da forma de ensinar do professor e não gosta das atividades realizadas em sala de aula; 1 assinala, ainda, que o facto de ser obrigado a estudar o Francês fá-lo desmotivar. É de realçar que, segundo as respostas deste aluno ao inquérito, a sua perceção do Francês é bastante negativa, pois além de ter sido obrigado a escolher esta LE, não gosta da forma do professor ensinar e, como tal, também não gosta das atividades em sala de aula (Quadro 12).

Fatores motivadores	Nº de ocorrências	Fatores desmotivadores	Nº de ocorrências
Gosto da língua	61	Não gosto da língua	13
Os conteúdos programáticos são interessantes	35	Os conteúdos programáticos não são interessantes	7
Gosto da forma de ensinar do professor	63	Não gosto da forma de ensinar do professor	1
Gosto das atividades realizadas em sala de aula	73	Não gosto das atividades realizadas em sala de aula	8
Gosto da cultura francesa	58	Não gosto da cultura francesa	8
Outro. Qual?	1	Outro. Qual?	1
Total de participantes: 81 alunos			

Quadro 12 - Fatores de (des)motivação para aprendizagem do FLE

Perante as respostas obtidas, verificamos que 63 alunos têm uma relação de afetividade com o professor; 61 com a língua (subcategoria 3. b) do Quadro 13); 35 sentem-se motivados para estudar FLE (subcategoria 3. a) do Quadro 13); porque têm interesse em estudar FLE e 1 afirma que é por razões familiares (subcategoria 3. c) do Quadro 13).

A afetividade aliada às línguas é essencial para a aprendizagem, pois o aprendente relaciona-se emocionalmente com a língua (Dabène, 1997; Andrade & Araújo e Sá, 1988). As aparentes representações positivas sobre a língua, a cultura, os franceses, os falantes do francês poderão estar na origem de um grau bastante satisfatório de motivação para o estudo da língua.

Categoria	Subcategorias	Ocorrências	
3. Motivação para aprendizagem do FLE	3. a) interesse	3. b)	
	3. b) afetividade (relativamente à língua ou / e ao professor)	com a língua com o professor	61 63
	3. c) razões familiares	3.a)	35
		3.c)	1

Quadro 13 - Motivação para aprendizagem do FLE

Durante as entrevistas, foi também realçado por Peter Pan, do 9ºB, que deveria haver mais horas por semana de FLE para os alunos se sentirem mais motivados (Estes alunos têm 90 minutos de aulas semanais de FLE, ou seja, uma vez por semana). Tiago Pinto corrobora esta afirmação dizendo que seriam precisos mais 90 minutos e Angelina Jolie pensa que mais 45 minutos semanais seriam suficientes. Este grupo de discentes encontra nas visitas de estudo a França outra fonte de motivação, assim como, fazer trabalhos em vez de testes. Referem-se ainda à língua na esfera gramatical, tal como a Josefina, do 9ºD, que considera que o que a desmotiva “é a *gramática*”, posição confirmada por Andrea que afirma que “a *gramática* é bocadinho puxada”.

Podemos ainda referir que durante as entrevistas, a grande maioria dos alunos entrevistados indicaram que para estarem mais motivados para aprender o francês, os professores devem apresentar estratégias mais motivadoras. No 9º B, Tiago Pinto sugere visitas de estudo a França, assim como a Miana do 9ºC. A

Miana refere ainda que os professores deveriam mandar fazer trabalhos diferentes, como por exemplo “ *Tipo, esse trabalho, tipo aquele que você mandou fazer... do telejornal².*”, facto confirmado por Jojó “*Ya,esse trabalho!*”. Quanto a Guedes, este aluno pensa que “*os professores não se deviam fixar tanto nos livros e fichas, e resolver fichas e fichas, podiam também explicar de uma maneira mais interativa para nós.*” No 9º E, alguns alunos também referiram a importância da realização de trabalho diferentes, como afirma António “*o trabalho... como fizemos um telejornal*” e como confirma Flávio “*nós, com o telejornal, ficámos mais motivados a fazer o trabalho, mesmo nós com as dificuldades em francês, ficamos motivados*”. Estas afirmações foram ainda corroboradas por Joaquim Cebola “*porque é uma coisa diferente.*”

No que concerne à pergunta 14.3., *para aprender a falar francês, preciso de*, os alunos responderam que precisam de estudar (57,3%); de prestar atenção (26,9%); de empenho (26,9%); de motivação (25,8%). Estes têm a noção de que precisam de estudar para adquirir competências linguísticas em FLE. Têm consciência de que é preciso fazer algum esforço pessoal para aprender e falar uma LE, neste caso específico, o francês.

No que se refere à pergunta 14. *Completa as frases seguintes: 14.1. Para mim, a língua francesa é;* 14.2. *Para mim, as pessoas que falam francês são;* 14.3. *Para aprender a falar francês, preciso de:*

Os resultados totais encontram-se em anexo (Anexo 4) e evidenciam os seguintes aspetos:

À pergunta: *Para mim, a língua francesa é*, os inquiridos deveriam dar 5 respostas, todavia, verificou-se que apenas 10 alunos (12,3%) satisfizeram esse requisito. No entanto, 45 alunos acham-na *interessante* (subcategoria 2. c) do Quadro 14); 17, *importante* (subcategoria 2. b) do Quadro 14); 13, *divertida* (subcategoria 2. a) do Quadro 14); 14 *fácil, mas* 14 acham-na *difícil* (subcategoria

² A realização de um telejornal (gravado e apresentado em aula) foi proposto aos alunos subordinado a dois temas à escolha: solidariedade ou meio ambiente. As turmas foram divididas em grupos de cinco alunos e cada elemento teria um papel: jornalista (pivot) ; convidado(s) em estúdio; repórter de exterior; entrevistado(s).

2. b) do Quadro 14). Salienta-se o facto de 1 aluna, ou seja, 1,1% dos alunos considerar a língua francesa *péssima*. Neste caso concreto, ao analisarmos a situação escolar desta aluna, a partir dos resultados do inquérito por questionário, das respostas à entrevista e dos dados fornecidos no seu registo, concluímos que Diva³ adora a língua inglesa, em detrimento do francês. Afirmar que teria escolhido o Espanhol se não tivesse sido obrigada a escolher o Francês porque não gosta da língua em si. Gosta da cultura francesa, da França e dos franceses. Não gosta dos filmes, para ela, são “*horríveis*”, não gosta das músicas (“*são o pior da França*”). No entanto, considera o Francês mais importante do que o Espanhol mas o Inglês é, “*sem dúvida*”, mais importante do que o Francês. Afirmar ainda que nunca esteve motivada para estudar a língua francesa. Apesar desta resistência ao Francês, Diva aconselharia os alunos do 6º ano a escolherem o FLE. Esta aluna mostrou ao longo do ano letivo uma personalidade bastante vincada a todos os níveis. Possivelmente o facto de viver num contexto familiar destruturado e de não gostar de estudar na EB2/3/S fez com que as suas atitudes fossem de desafio permanente para com a “autoridade”. As suas convicções são bastante fortes relativamente ao Francês: foi obrigada a escolher esta disciplina, e provavelmente, será um fator determinante na rejeição da língua. Do 7º ao 9º ano, Diva manteve as mesmas representações acerca do Francês, no entanto, a relação de afetividade com o professor foi bastante positiva durante o processo E/A, neste ano letivo.

Convém salientar que há alunos que acham a Língua Francesa “*estranha*” (5 alunos), uma “*seca*” (3 alunos), “*aborrecida*” (2 alunos), (subcategoria 2. c) do Quadro 14). Ao comparar o número de ocorrências consideradas “negativas” sobre a língua francesa com aquelas que positivamente a caracterizam, ficamos a saber que apenas uma minoria desta escola não se sente motivada nem atraída pelo FLE.

Quanto à pergunta 14.2, *Para mim, as pessoas que falam francês são*, verificou-se que a perceção que estes alunos têm dos falantes de francês é positiva, pois 24 participantes acham-nos *cultos*, 18 dizem que são *inteligentes*;

³ Nome fictício, escolhido pela aluna.

14 acham-nos *normais* e 6 *divertidos* (subcategoria 2. d) e e) do Quadro 14) e 15 pensam que são pessoas *interessantes* (subcategoria 2. f) do Quadro 14).

Os aspetos mais negativos prendem-se com o facto de os franceses serem “*diferentes*” (2 ocorrências) e “*vítimas de atentados*” (1 ocorrência). Todos os outros adjetivos mencionados são bastante positivos (cf. Anexo 5).

A opinião dos inquiridos é também bastante positiva no que diz respeito à língua e aos falantes.

Categoria	Subcategorias	Ocorrências
2. Perceção do Francês	2. a) afetividade	2.a) / 2.b) 44
	2. b) língua	2.c) 45
	2. c) interesse	
2. Perceção dos falantes	2. d) afetividade	2.d) / 2.e) 62
	2. e) personalidade e carácter	2.f)) 15
	2. f) interesse	

Quadro 14 - Perceção do francês e dos falantes

Ao analisar estes dados e ao compará-los com as respostas obtidas nas entrevistas (Anexo 5), podemos afirmar que o resultado é bastante coincidente, senão vejamos: no 9º F, há uma opinião positiva relativamente aos franceses, “*são muito chiques*”, diz a Carla; a Carlota acha-os “*elegantes*”; a Sara diz que são “*simpáticos*” e a Francisca afirma que “*a fala deles é muito cuidada*”. Todas elas consideram que o inglês é a língua mais importante, seguida do francês e depois do espanhol. O Francês é importante para “*sermos políglotas*” e ir “*a Paris, ou a França ou para o Canadá*” diz a Francisca. Segundo a Carlota e a Beatriz, também é importante para um trabalho no futuro.

No 9º D, a Andrea acha que os franceses são “*inteligentes e honestos*”, a Josefina considera-os “*simpáticos*”. Dos cinco alunos entrevistados nesta turma, 2 foram obrigados a escolher Francês e optariam pelo Espanhol. Todos, à exceção dos mesmos 2, voltariam a escolher Francês. Nesta turma, todos estão motivados

à exceção de Diva, já referida anteriormente, que afirma que “*Eu, sempre igual, nunca motivada*”.

No 9º C, há uma opinião positiva relativamente aos franceses, “*São pessoas chiques*” e outras menos positivas: “*São armantes*”, “*estranhas*”. A Miana viajou até Marrocos, onde ouviu falar francês, mas o que os outros entrevistados sabem sobre Marrocos é que há o Ramadão. A imagem de Marrocos reflete-se na religião muçulmana. Nesta turma verificou-se uma certa confusão entre um país francófono e a religião.

Apesar da proximidade do espanhol com o português, enquanto língua materna, a Miana escolheria o francês novamente porque é mais importante.

No 9ºE, a imagem relativamente aos franceses é positiva, tal como nas outras turmas, pois o Flávio acha que eles “*são fixes, são boas pessoas*”, o António diz que “*são simpáticos*”. Nesta turma, nenhum aluno tinha escolhido a opção do Francês no 7º ano, no entanto, o António acha que é preciso saber falar francês “*para trabalhar em empresas internacionais*”, e o Flávio pensa que “*mesmo que não vá para o estrangeiro, é sempre bom, porque em Portugal podemos arranjar um emprego melhor se soubermos falar francês*”.

No 9ºB, Tiago Pinto considera que os franceses são “*arrogantes*” e a cultura francesa é para Tiago Pinto “*Paris*” e “*Tour Eiffel*”, para Peter Pan “*Queijo*” e “*O Louvre*” e para Angelina Jolie “*Disney Land*”.

Além disso, será provavelmente importante referir que o contexto familiar pode influenciar as escolhas dos alunos no que concerne à escolha da LE. Saber se os pais já emigraram ou estão emigrados num país francófono, se os pais são francófonos ou franceses torna-se fundamental.

Neste sentido, questionámos os alunos e ficámos a saber que 2 pais já emigraram para um país francófono, mas já regressaram a Portugal, outros 4 têm os pais emigrados num país francófono, 6 alunos têm pais francófonos e a mãe de 1 aluno é francesa. Perante estas respostas, o número de alunos nas condições supra referidas é bastante reduzido, pelo que não parece ser significativo. Não aparenta ser o motivo que leva estes jovens a escolher o Francês como LE.

No que concerne à atividade “*Dis-moi dix mots*”, esta foi direcionada para os alunos do 9º da EB 2/3/S mas dada a conhecer a toda a comunidade escolar. Pretendeu-se identificar as representações que os alunos têm do francês, da França e da francofonia a partir de palavras (substantivos, adjetivos, ou outros) escolhidas e escritas por eles.

Os alunos mostraram-se bastante empenhados e motivados na sua realização, pois, segundo testemunho deles, sempre que o professor lhes propõe algo diferente do habitual, aderem e reagem de forma muito positiva. O facto de procurar escrever sem erros ortográficos as dez palavras escolhidas por eles, demonstrou a preocupação em cumprir da melhor forma a tarefa proposta. Apesar disso, alguns alunos tiveram dificuldades em encontrar dez palavras, pelo que 30,86% escreveram menos de dez, conforme solicitado (8 palavras: 4,94% de alunos; 7 palavras: 4,94% de alunos; 6 palavras: 6,17% de alunos; 5 palavras: 3,70% de alunos; 4 palavras: 4,94% de alunos; 3 palavras: 6,17% de alunos). Confrontados com a falta de palavras nos cartões, a grande maioria disse que não sabia mais, desistindo da tarefa. O facto de ser a última semana de aulas antes do final do 2º período, em que os alunos estão cansados e anseiam pelas férias foi, na nossa perspetiva, um fator determinante para esta pouca persistência em procurar mais palavras. É de realçar que é, no entanto, uma situação desencorajadora e que exige uma reflexão sobre o processo de E/A, pois trata-se de uma percentagem elevada (cerca de um terço) de alunos que não consegue cumprir a tarefa. Os alunos com mais de dois anos de aprendizagem do FLE deveriam, na nossa perspetiva, ser capazes de registar as 10 palavras solicitadas.

Não obstante, consideramos que esta atividade desenvolvida de modo transversal e curricularmente inserida poderá levar os alunos a apreciar mais a língua francesa pois o desafio lançado por nós teve um impacto positivo nos aprendentes. Ao comparar e comentar as suas respostas, os alunos tiraram dúvidas uns com os outros sobre o significado de alguns vocábulos e mostraram com orgulho o seu cartão exposto na Biblioteca. Nesse sentido, pensamos que desenvolveram algumas competências linguísticas mas não parece ter havido

impacto na alteração das representações. Todavia, é de referir que o objetivo principal não era alterar representações mas sim identificá-las.

Embora exista este número reduzido de alunos que não cumpriram a totalidade da tarefa, podemos afirmar que os objetivos foram atingidos, pois deu-se importância à sensibilização para a língua francesa de forma lúdica e, por outro lado, os alunos mostraram-se bastante entusiasmados na procura de palavras relativas aos franceses, à cultura francesa e/ou que estivessem relacionadas com a francofonia, em geral.

Após a recolha dos referidos cartões e análise dos resultados, e tendo em conta a questão de investigação: Que representações têm os alunos do Francês, da França e da francofonia? foi elaborada uma lista subdividida em categorias e subcategorias. Esta divisão em categorias e subcategorias teve por base as respostas dos alunos e prende-se com facto de facilitar a análise dos dados. Assim, dividimos as respostas (palavras escritas nos cartões) nas categorias: monumentos, clubes/cidades, alimentos, personalidades e marcas e nas subcategorias: características morais e psicológicas; características socioeconómicas; características histórico-culturais, aspetos físicos. Esta divisão não é totalmente hermética sendo, por isso passível de outras interpretações.

A seleção feita está de acordo com os nossos objetivos de estudo: identificar e descrever as representações que os alunos do 9º ano da EB 2/3/S têm sobre o francês, a França e a francofonia em geral.

Assim sendo, dos 81 alunos participantes, o número de ocorrências que se segue aponta para os símbolos mais referidos por categoria (Gráfico 2).

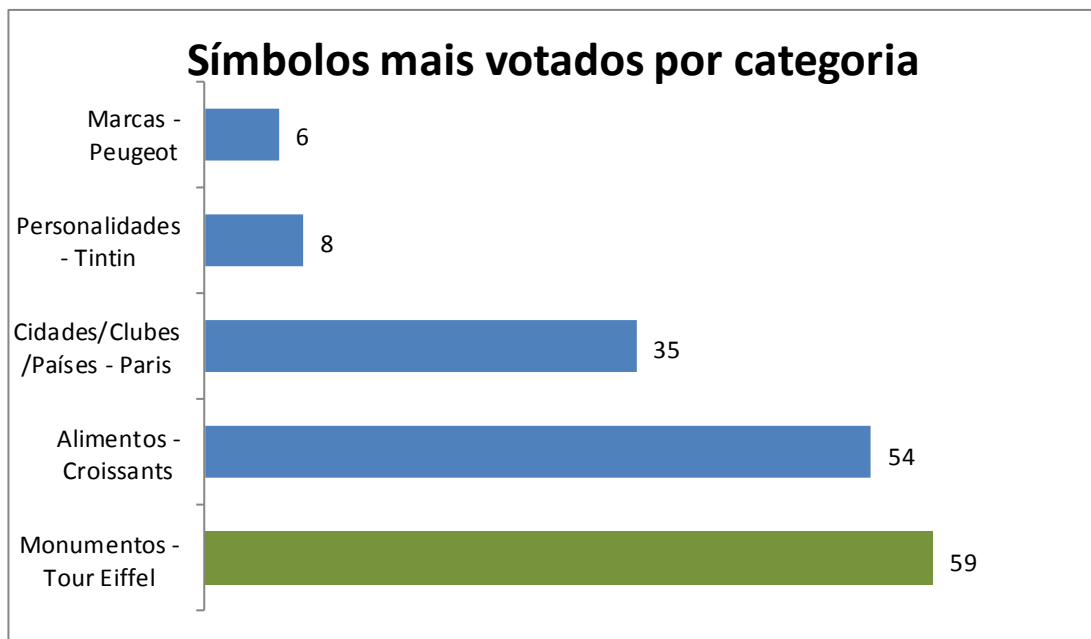


Gráfico 2 - Símbolo mais votados por categoria

As imagens representativas da França e do Francês que ultrapassam as 50 respostas resumem-se a duas palavras: *Tour Eiffel* e *Croissants*.

É de realçar que esta pequena amostra é representativa no que concerne ao destaque, na quase na totalidade, de elementos franceses em detrimento daqueles pertencentes à esfera da francofonia. No caso da categoria “Personalidades” (Gráfico 3), o herói de banda desenhada belga, o francófono, Tintin encabeça a lista, com 8 ocorrências. As escolhas francófonas surgem apenas mais uma vez, com a cantora canadiana Céline Dion que é referida 5 vezes e na Categoria “cidades/ clubes/ países” são referidos uma vez, os países Canadá e Bélgica.

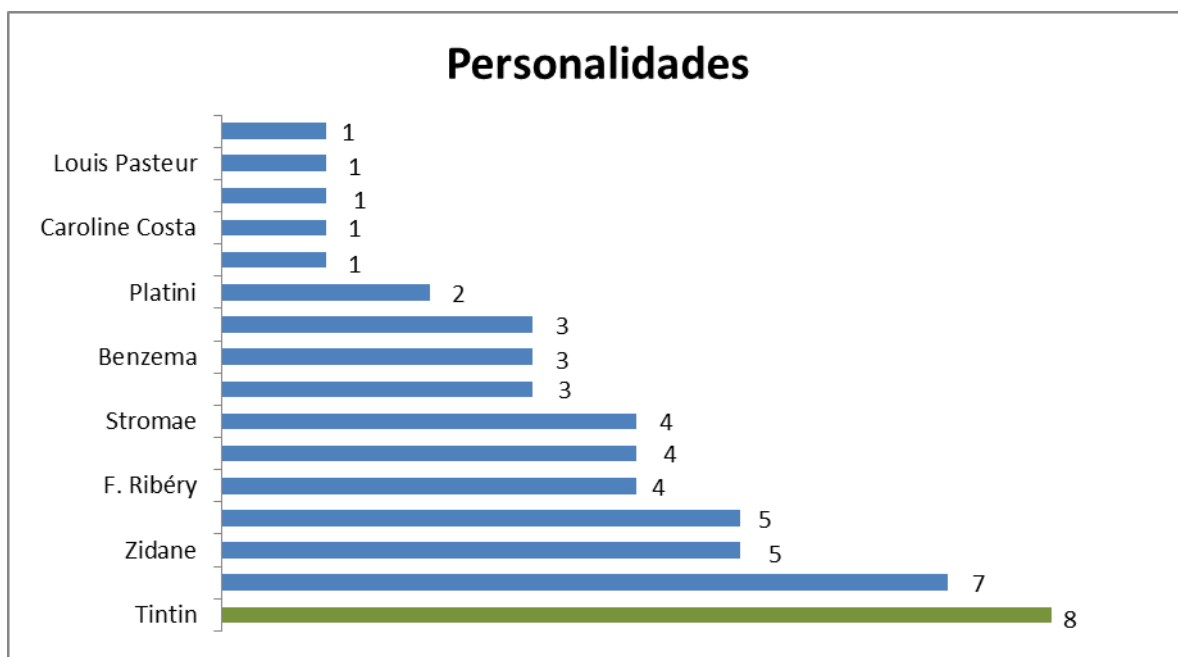


Gráfico 3 - N° de ocorrências na categoria Personalidades

Foi interessante perceber que algumas das palavras escolhidas estão diretamente ligadas aos temas trabalhados nas aulas, contribuindo para o alargamento do conhecimento do mundo e da cultura linguística dos alunos. Exemplo disso, são as referências aos nomes de cientistas, Louis Pasteur e Marie Curie e a associações de solidariedade como *Les restos du Cœur*. Apesar de serem referidos por um número muito reduzido de alunos, é de salientar que alguns não se esquecessem dos conteúdos lecionados nas aulas. São ainda referenciadas situações ocorridas recentemente, como é o caso do atentado ao jornal *Charlie Hebdo* ou clubes e jogadores em destaque na imprensa, na atualidade. A partir dos resultados obtidos, é de referir que as imagens estão intimamente ligadas aos franceses e à cultura francesa e não tanto à francofonia. Poucos são os alunos que mencionam características, personalidades, alimentos ou marcas que não sejam franceses.

Quanto à categoria “Monumentos”, a *Tour Eiffel* destaca-se largamente, com 59 ocorrências. Este monumento é aquele que a grande maioria dos alunos reconhece como sendo símbolo da França por excelência, seguido do *Arc de Triomphe*, com 24 referências. (Gráfico 4)

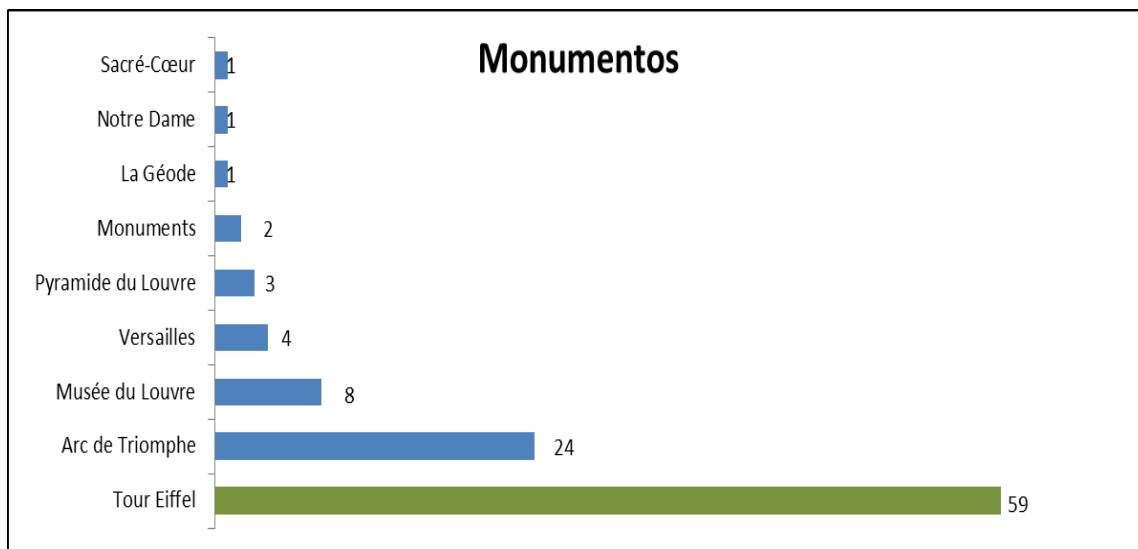


Gráfico 4 - N° de ocorrências na categoria Monumentos

A mesma situação ocorre com a categoria “Alimentos”, no que diz respeito ao elevado número de ocorrências, com a palavra *Croissants*, que se destaca com 54 referências, seguida de *Fromage*, com 44. Nenhuma palavra desta categoria abrange alimentos da esfera da francofonia, resumindo-se ao que é tipicamente francês (Gráfico 5).

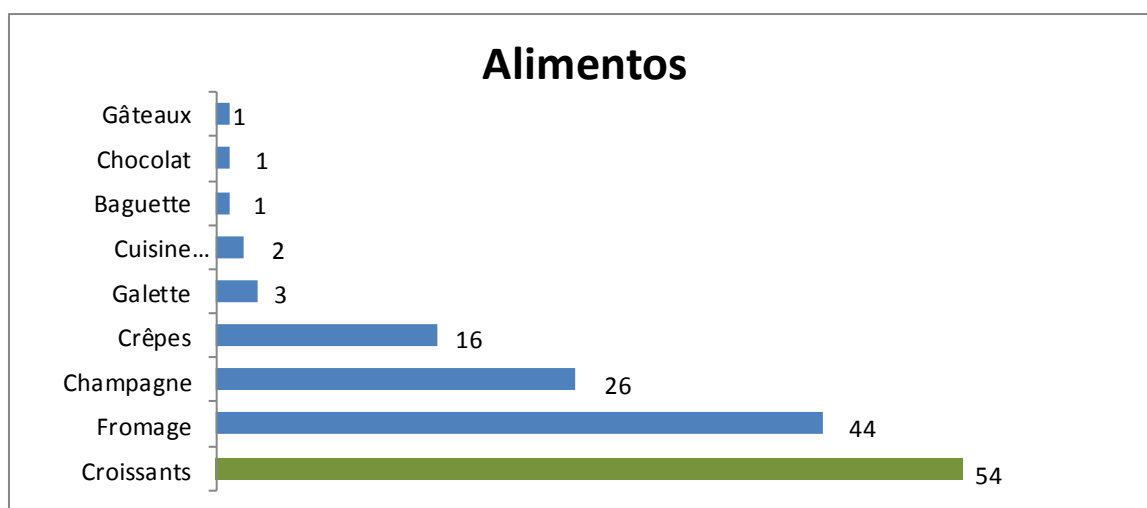


Gráfico 5 - N° de ocorrências na categoria Alimentos

Quanto à categoria “Clubes/Cidades/Países”, 35 alunos referiram *Paris*, que se destaca das outras referências. Nesta categoria foram abrangidas estas três propostas “Clubes/Cidades/Países”, por considerarmos que os nomes de algumas cidades são também nomes de clubes de futebol e vice-versa, o que se pode prestar a alguma confusão. Os países focados foram enquadrados nesta categoria pelo facto de se poderem situar geograficamente, tal como as cidades e os clubes, e por serem as únicas referências ao estrangeiro (francofonia) (Gráfico 6).

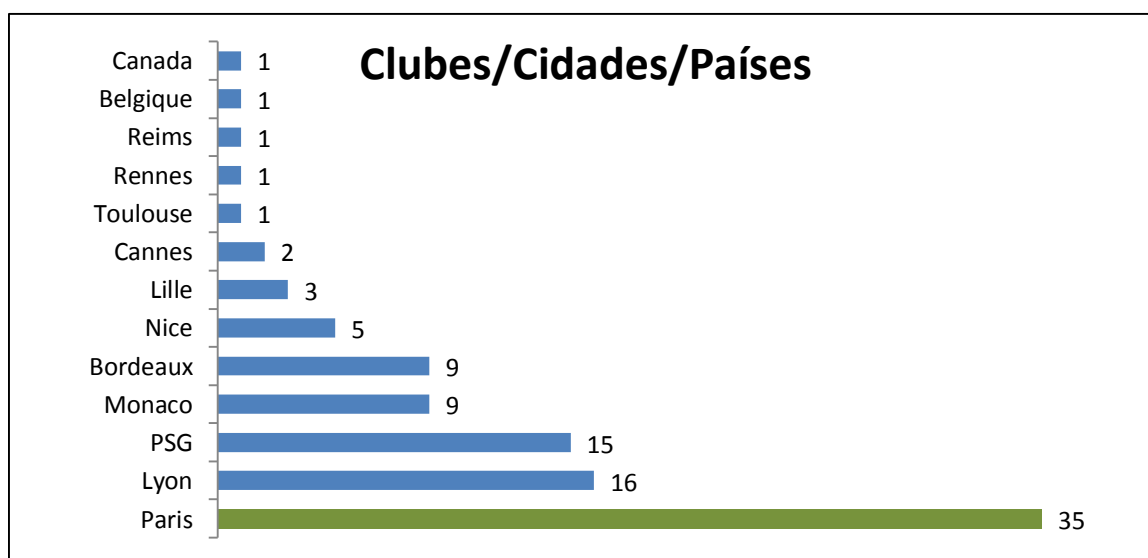


Gráfico 6 - N° de ocorrências na categoria Clubes/Cidades/Países

Ao fazer o trabalho de recolha e categorização dos dados, surgiram palavras que não se encaixavam nas categorias já referidas, pelo que sentimos necessidade de as dividir em subcategorias, baseadas em Andrade, A., Araújo e Sá, M. H. (2006) a saber:

- Características morais e psicológicas;
- Características socioeconómicas;
- Características histórico-culturais;
- Aspetos físicos

Além do número de ocorrências ser bastante reduzido, à exceção de *Disney Land Paris* (que não consideramos nem Cidade, nem Monumento) que foi referido por 20 alunos e *Mode*, por 19 participantes, o sentido destas palavras aliado às imagens dos franceses e da França parecem estar mais de acordo com esta subdivisão (Quadro 15).

Subcategoria	Referências	Porcentagem	Ocorrências
Características morais e psicológicas	Amour	7,41%	6
	Science/savants	3,70%	3
	Accueillant	3,70%	3
	Amitié	3,70%	3
	Simple	2,47%	2
	Sympathique	2,47%	2
	Romantique	2,47%	2
	Agréable	1,23%	1
	Gentil	1,23%	1
	Arrogants	1,23%	1
	Enchanté	1,23%	1
	Respect	1,23%	1
	Différent	1,23%	1
	Amusant	1,23%	1
Características socioeconômicas	Galleries la Fayette	6,17%	5
	Avenues	3,70%	3
	Achats	2,47%	2
	Métro	1,23%	1
	Les Restos du Cœur	1,23%	1
Características histórico-culturais	Disney Land Paris	24,69%	20
	Mode/robe	23,46%	19
	Charlie Hebdo/Je suis Charlie	17,28%	14
	Parfums	14,81%	12
	Soutien	13,58%	11
	Le Tour	11,11%	9
	Liberté	6,17%	5
	Ratatouille	6,17%	5
	Football	4,94%	4
	La Marseillaise	3,70%	3
	Cinéma	3,70%	3
	Le coq	2,47%	2
	Slam	2,47%	2
	Chanson	1,23%	1
	Lumière	1,23%	1
	Fraternité	1,23%	1
	Culture	1,23%	1
	Drapeau	1,23%	1
	Chocolat	1,23%	1
	Egalité	1,23%	1
	14 juillet	1,23%	1
	La Seine	1,23%	1
	Festival de Cannes	1,23%	1
Aspetto físico	Belle/beau/joli	12,35%	10
	Grand	2,47%	2
	Chic	2,47%	2
	Elégance	2,47%	2
	Garçon	2,47%	2
	Mignon	1,23%	1

Quadro 15 - Nº de ocorrências nas subcategorias

Todas as referências aqui expostas e de acordo com o número de ocorrências sugerem que os alunos do 9º ano conhecem a França, os franceses e o francês sob o ponto de vista daquilo que é visível, tal como sugere o “Iceberg da cultura” (cf. Figura 1). Parecem conhecer, embora de forma extremamente reduzida, os ideais da França *Liberté, Égalité et Fraternité*; o *14 juillet* (comemoração da tomada da Bastilha e feriado nacional) e *La Marseillaise* (Hino da França).

Os vocábulos que caracterizam os franceses usados pelos alunos relacionados com a resposta à questão de investigação: *Que representações têm os alunos do Francês, da França e da francofonia?* pertencem essencialmente a duas classes gramaticais: nomes e adjetivos. No que concerne às características morais e psicológicas, os alunos caracterizam os franceses com 10 adjetivos, sendo que 8 são positivos e 2 negativos, e 5 nomes.

É interessante estabelecer uma comparação entre o que foi dito nas respostas à pergunta 14.2, do questionário, *Para mim, as pessoas que falam francês são*, e o que foi escrito nos cartões. Apenas um aluno mencionou “vítimas de atentados”, referindo-se ao atentado terrorista no *Charlie Hebdo* no questionário e 14 alunos indicaram nos cartões da atividade “*Dis-moi dix mots*” as palavras “*Charlie Hebdo /Je suis Charlie*”. Supomos que ao responderem ao questionário individualmente, os alunos não sofreram qualquer interferência, no entanto, no dia da realização da atividade lúdica, estes escolheram e escreveram as palavras em conjunto, o que proporcionou uma troca de ideias o que levou a um alargamento do leque de palavras propostas.

De seguida, foi feita a recolha do número de ocorrências por subcategorias, e verificamos que as características histórico-culturais são aquelas que mais são referenciadas pelos alunos do 9º ano da EB2/3/S, com 119 ocorrências. Alguns cartões continham mais de uma característica desta subcategoria, ou de outra, daí o número de ocorrências ser superior ao número de participantes.

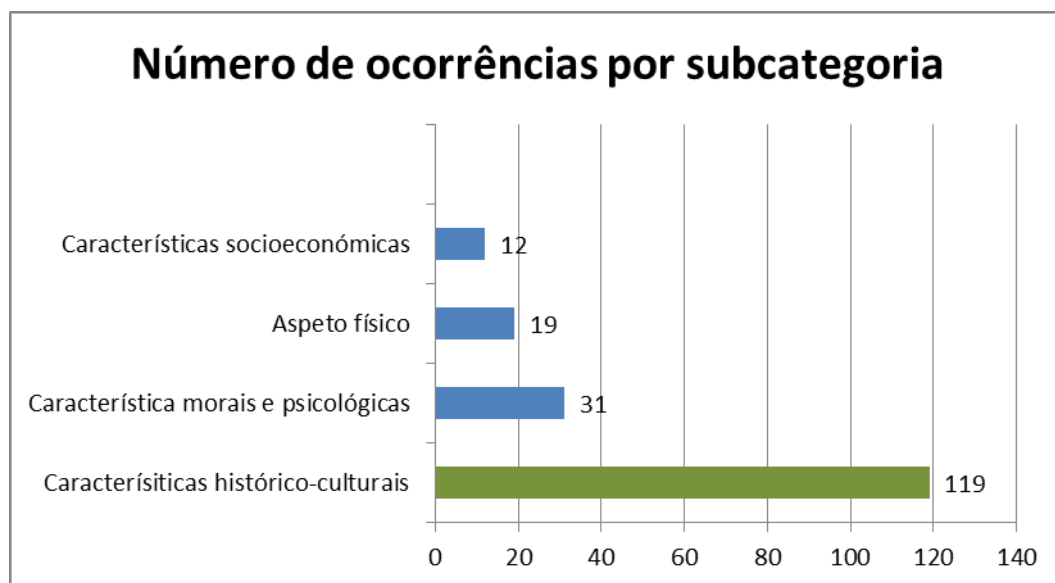


Gráfico 7 - Nº de ocorrências por subcategoria

Finalmente, foi feito um levantamento das palavras mais referidas por aluno de acordo com as categorias e subcategorias, de forma a perceber quais são os interesses dos nossos alunos no contexto escolar e no processo E/A. As representações aqui focadas sobre a França, os franceses, o francês e a francofonia, resumem-se a 2 categorias: “Alimentos” e “Monumentos”, que ultrapassam 50% de ocorrências por aluno. Esta percentagem é reveladora dos seus conhecimentos e imagens da França. A subcategoria “Características morais e psicológicas”, seguida da categoria “Clubes/Cidades/Países” são focadas algumas vezes, 17 e 14% respetivamente (Gráfico 7).

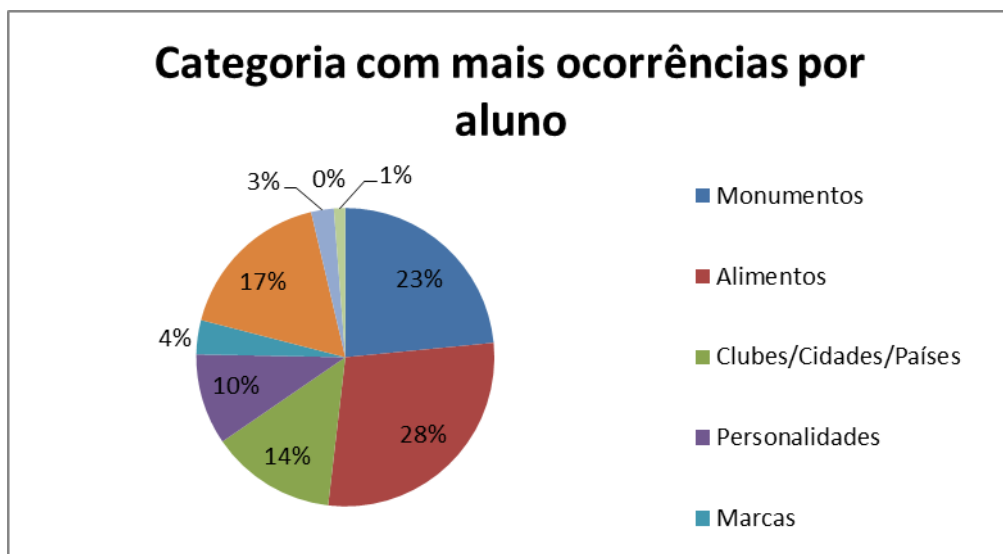


Gráfico 8 - Categoria mais referida por aluno

Neste estudo, o facto de os estudantes revelarem um grau positivo de afetividade no que diz respeito ao FLE é bastante significativo. As imagens e estratégias de motivação, como atividades diferentes em sala de aula (cf. Entrevista do 9ºF, da Francisca) ou ter mais aulas por semana de FLE (cf. Entrevista do Tiago Pinto e Angelina Jolie do 9ºB) são referidas várias vezes, no questionário, nas entrevistas e na realização da atividade lúdica do dia da Francofonia.

Após uma reflexão acerca da organização, realização e objetivos desta tarefa, surgiu, no nosso ponto de vista, uma questão bastante pertinente: estarão os alunos mais focados no Francês e na cultura francesa por influência do professor? Se este traz materiais originais de França para as aulas, como jornais, livros, mapas de Paris, se proporciona momentos mais lúdicos com a projeção de filmes franceses, se lhes fala da França e dos seus monumentos e cultura, não estará, ainda que inconscientemente, a influenciar as respostas dos alunos?

Nesta perspetiva, recordamos situações ocorridas ao longo do ano letivo em que, de uma forma ou de outra, pensamos ter agido em prol do Francês e não tanto da Francofonia ou países francófonos. Assim sendo, é fácil deduzir que o professor, sendo um exemplo para os alunos, estes segui-lo-ão em determinados

assuntos colocando as suas dúvidas e dando sugestões. Os alunos do 9º ano da EB2/3/S tiveram a oportunidade de consultar materiais originais vindos de França, tais como o jornal *Charlie Hebdo* depois do atentado terrorista ocorrido nas instalações deste jornal, exposto na biblioteca no dia da francofonia; ver fotografias de museus e monumentos de Paris; pesquisar individualmente sobre cientistas de nacionalidade francesa; visionar documentários de associações de solidariedade francesas, tais como *Les Restos du Cœur*, entre outros. Por isso, não será estranho ver as respostas de alguns, que no fundo, também servem para avaliar quer as aprendizagens dos alunos, quer o trabalho pedagógico-didático do professor, levando-o a refletir sobre a sua prática pedagógica e modos de melhorar.

Os aspetos referidos que têm ou ultrapassam as 10 ocorrências destacam-se na subcategoria “Características histórico-culturais”. Assim, com 20 ocorrências: Disney Land Paris; com 19 referências: “*Mode/robe*”; com 14 ocorrências: “*Charlie Hebdo/Je suis Charlie*”; com 12: “*Parfums*” e com 12 menções: “*Soutien*”. Na subcategoria, “Aspeto físico”, aparecem com 10 referências as palavras “*Belle/beau/joli*” (agrupadas, por considerarmos haver entre elas uma relação de sinonímia).

Segundo o Conselho de Europa e Comissão Europeia e partindo do modelo do iceberg, segundo o qual apenas uma pequena parte do que se aprende é visível acima do nível da água e a outra parte, submersa, é aquela que não se vê, verificámos que os alunos focaram mais a *parte visível* nas suas respostas ao longo deste estudo: a arquitetura e arte (monumentos), a cozinha (referência aos tradicionais *croissants* e ao *queijo*); a música (referência a David Guetta e a Céline Dion).

Também é interessante verificar que as imagens que se tem de um país ou de uma língua estão sujeitas a alterações conforme o que ocorre nesse país ou com esse país, ou ainda com o contacto que se vai tendo, com a língua e cultura do país, nomeadamente através do professor.

Numa perspetiva qualitativa é interessante constatar que as palavras indicadas são as imagens dos alunos em relação à França, ao Francês e à francofonia.

De acordo com os dados obtidos, salientamos ainda o facto de 68,5% dos inquiridos gostarem da língua e 46% estarem suficientemente motivados para o estudo do FLE.

Os dados recolhidos dão conta da relação destes alunos com a língua francesa, da (des)motivação para aprender o Francês e do que pensam sobre a língua e sobre as pessoas que falam francês.

CONCLUSÃO

Os objetivos pretendidos com este trabalho de investigação estiveram relacionados com a motivação e as imagens / representações dos alunos relativamente à França, aos Franceses e à francofonia em geral. Não se pretendeu alterar as imagens dos alunos, mas sim perceber quais eram essas imagens. Além disso, tendo em conta o decréscimo de inscrições na disciplina de francês, no 7º ano, nas escolas públicas portuguesas, pretendíamos conhecer a situação da escola onde trabalhávamos. Para tal aplicámos um inquérito por questionário, um inquérito por entrevista e realizámos uma atividade lúdica relacionada com as representações. O facto de se verificar que o FLE está a “perder terreno” em relação ao Espanhol LE, como confirma Marques (2012, p. 33), “o ELE tem vindo a ganhar importância nos *curricula* nacionais”, levou-nos a uma reflexão sobre as causas da (des)motivação para a aprendizagem do FLE.

Partiu-se das questões de investigação, para a abordagem dos conceitos de imagem / representação (tidas como sinónimos neste estudo) e de motivação para a aprendizagem de uma LE. Seguidamente, procedeu-se à elaboração dos instrumentos de recolha de dados obtidos e realizou-se o processo de análise dos dados numa abordagem qualitativa e quantitativa

Para a recolha de dados, tendo em conta as questões de investigação, foi aplicado um inquérito por questionário, um inquérito por entrevista e realizada uma atividade lúdica na escola que englobou os alunos do 9º ano, inscritos na disciplina de FLE e as disciplinas práticas do Curso de Educação e Formação de Restauração e Bar.

De uma maneira geral, os alunos aderiram com entusiasmo às propostas e demonstraram saber responder honestamente às perguntas colocadas quer no questionário, quer na entrevista e participaram ativamente na atividade lúdica.

A conclusão a que chegamos é clara: a maioria dos alunos desta escola gosta de estudar neste estabelecimento de ensino; gosta, de uma maneira geral, da língua francesa, sente-se motivada para estudar FLE. Sublinhamos ainda o facto

de que se a maioria dos alunos da EB/2/3/S voltasse ao 7º ano de escolaridade, voltaria a escolher Francês como LE2. Além disso, os resultados escolares na disciplina são satisfatórios, o que deixa transparecer que o grau pressentido de dificuldade na aprendizagem desta língua é baixo. Contudo, apesar destes resultados, foram detetadas várias lacunas no processo de aprendizagem do FLE destes alunos, nomeadamente, na expressão oral e escrita, tendo sido enquadrados nos níveis B1, A1 e A2 de acordo com o QERC.

Podemos considerar que esta escola apresenta uma situação específica, pois os dados fornecidos ao longo da investigação demonstram que a maioria dos alunos quer/gosta de estudar o FLE.

Os dados levam-nos ainda a concluir que o FLE é uma opção consciente e que o francês é, para estes alunos, uma língua *importante, interessante, engraçada e bonita*. Sendo o 9º ano o terceiro ano em que os alunos estudam a língua, estas respostas sugerem que estes têm prazer em estudar o FLE e há uma relação de afetividade com a língua. Afirmam também que o francês é uma língua importante porque poderão precisar de saber falar esta língua num futuro emprego ou numa perspetiva de emigração para um país francófono. Muito poucos alunos demonstraram ter uma opinião negativa sobre os franceses e a França, facto que também constitui, a nosso ver, uma motivação para a aprendizagem da língua. Se lembrarmos a “pirâmide das necessidades básicas do ser humano”, de Maslow, concluímos que alguns alunos sentem o francês como uma necessidade de *realização pessoal*, no topo da pirâmide.

As representações e motivações iniciais da maioria dos alunos desta escola não se altera, após três anos de frequência da disciplina, o que mostra o quão são preponderantes e fortes, isto é, aqueles alunos que queriam escolher Francês, mantêm a mesma opinião, assim como aqueles que preferiam ter podido optar pela aprendizagem do Espanhol.

As estratégias apontadas pelos alunos como forma de motivação para o estudo da língua baseiam-se, essencialmente, em visitas de estudo a França e na realização de trabalhos diferentes em vez de trabalhos escritos, nomeadamente, fichas e testes.

Os resultados obtidos contrariam, no fundo, o que pensávamos inicialmente: a convicção de que a grande maioria dos alunos não se sente muito motivada para a aprendizagem do FLE.

As representações aferidas revelam os interesses dos alunos sobre LE, isto é, pensamos que os interesses destes jovens, além dos extra escolares, servem de motivação no processo E/A e estão na base das representações que têm acerca de um país ou língua. Se os interesses deles não estiverem ligados, por exemplo, às descobertas científicas, tema trabalhado em sala de aula, as imagens sobre esse tema serão seguramente mais negativas e superficiais. Porém, se os programas estiveram em sintonia com os interesses dos nossos alunos, a motivação terá um impacto positivo na descoberta de situações novas. Por isso, consciente de que é fundamental um profundo conhecimento dos alunos para que seja possível apoiá-los no seu percurso educativo, importa que estejamos, enquanto profissionais do ensino, atentos às suas dificuldades e disponíveis para atender às suas solicitações e motivações; procurar detetar as necessidades, interesses e aptidões dos alunos, a fim de melhor compreendê-los, ajudá-los e avaliá-los.

O facto de conhecermos melhor as suas representações sobre a França, os franceses e o francês, pode levar o professor à “plantação das sementes” da motivação e do gosto pela escola, em geral, e do Francês enquanto LE, em particular. Enquanto professores, temos o dever de “plantar as sementes” da curiosidade e da motivação nos jovens para sentirem “necessidade” de aprender.

Pensamos, ainda, que não são apenas os professores os agentes ativos no processo de E/A, mas também o Ministério da Educação na elaboração dos programas, bem como, as editoras dos manuais. Julgamos que os programas deveriam ter mais em conta os interesses dos alunos, informar-se junto deles, de forma a que estes estejam motivados no sentido de alcançar o sucesso. Os professores também poderiam ter mais presentes os interesses dos jovens alunos na elaboração de materiais didáticos, fichas formativas, etc. O facto de ir ao encontro dos interesses dos alunos pode fazer com que estes estejam mais motivados, pois estarão a trabalhar temas de que gostam.

1. Limitações do estudo

A principal limitação do nosso estudo foi a nossa inexperiência ao nível da atividade de investigação e teorização académicas. Apesar do alargado tempo de serviço enquanto docente e de toda a experiência didática adquirida, a investigação num estudo de caso “obrigou” a um questionamento académico e reflexivo. Por isso, e partindo do princípio elencado por Alarcão (2000, p. 6) de que “todo o professor verdadeiramente merecedor deste nome é, no seu fundo, um investigador e a sua investigação tem íntima relação com a sua função de professor”, houve necessidade de elaborar um projeto investigativo mais centrado nos alunos e não tanto no professor. Se o professor não conhecer os seus alunos nem procurar saber o que sabem os alunos, o que eles pensam, não poderá adequar a sua prática aos alunos e às suas necessidades e interesses. Por isso, a investigação (aqui maior conhecimento da realidade educativa) ajuda o professor a ser melhor professor.

Tendo em conta esta pesquisa, bem como os dados obtidos, a vontade de desistir (que por vezes sentimos) fez-nos perceber que, por mais difícil que tenha sido retomar os estudos num nível superior, a determinação é, sem dúvida, uma fonte de motivação. Além disso, que exemplo daríamos aos nossos filhos e aos nossos alunos? Temos de provar aos jovens e a nós próprios que todas as dificuldades devem e podem ser ultrapassadas para conseguirmos atingir os nossos objetivos.

Além disso, o facto de estar a trabalhar em simultâneo, longe da Universidade de Aveiro, tornou-se uma situação difícil de gerir. No entanto, sinto-me grata pela experiência investigativa que me propus realizar e tive o prazer de verificar que a língua francesa ainda está e estará presente nas nossas escolas.

No que concerne ao estudo propriamente dito, o facto de os alunos não responderam às perguntas todas ou responderem de forma incompleta impossibilitou uma base de dados tão completa como desejaríamos.

Quanto aos pontos fortes, foi o facto de o inquérito por questionário ter sido respondido de forma anónima, tal como afirma Yin (2010, p. 23), este “*deu*

liberdade aos alunos” para responderem honestamente. Os alunos adoraram o facto de se identificarem com nomes fictícios, o que deu origem a alguns momentos lúdicos e até motivadores para responderem ao questionário. Possibilitou um conhecimento mais profundo dos alunos, dos seus interesses, das suas dificuldades e necessidades no sentido de garantir o sucesso escolar destes jovens.

2. Perspetivas para o futuro

Todas as línguas assumem mundialmente o seu potencial e é por aí que os docentes devem começar a trabalhar.

No sistema de ensino português, onde todos os Ministros da Educação querem deixar a sua marca, as línguas estrangeiras devem apresentar os seus argumentos para que os jovens gostem de as aprender. Esta tarefa é dificultada quando nos deparamos com a obrigatoriedade de escolha do Inglês desde o 5º ano e, atualmente, a partir do 3º ano de escolaridade, não deixando grande espaço para as outras línguas. O Francês, o Espanhol, o Alemão e, presentemente, o Mandarim, devem “trabalhar” no sentido de cativar os alunos para adquirirem e desenvolverem competências linguísticas, comunicativas e culturais e terem prazer em aprender aquela língua.

Numa perspetiva mais prática e mais alargada, seria interessante identificar os diferentes motivos que estão na origem da diminuição das inscrições na disciplina de Francês a nível nacional e perceber as razões que levam os estudantes ao afastamento desta língua.

BIBLIOGRAFIA / WEBGRAFIA

Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores*, Nº 1, pp. 21-30, 2001. INAFOP.

Amossy, R. & Pierrot, A. H. (1997). *Stéréotypes et clichés – langues discours société*. Paris: Editions Nathan.

Amossy, R. & Pierrot, A. H. (2014). *Stéréotypes et clichés*. Paris: Armand Collin.

Andrade, A. & Araújo e Sá, M. H. (1992). *Didáctica da Língua Estrangeira*. Porto: Edições ASA.

Andrade, A., Araújo e Sá, M. H. (2006). *Imagens das línguas em contextos de educação e formação linguística*. Cadernos do Lale – Série reflexões. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Andrade, A., Araújo e Sá, M. H., & Moreira, G (2007). *Imagens das línguas e do plurilinguismo: princípios e sugestões de intervenção educativa*. Cadernos do Lale – Série reflexões. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Bernaus, M. (1992). *The role of motivation in the learning of English as a foreign language*. Barcelona: Universidade de Barcelona (Tese de doutoramento não publicada).

Candelier, M. (1997). *Catégoriser les représentations*, In G. Zarate (Coord.), *Les représentations en didactiques des langues et cultures*. Paris : Didier.

Carmo, H. & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação. Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa : Universidade Aberta.

Castellotti, V. (2001). *Pour une perspective plurilingue sur l'apprentissage et l'enseignement des langues* In V. Castellotti (Dir.), *D'une langue à d'autres : Pratiques et représentations*. Rouen: Presses Universitaires de Rouen.

Conselho da Europa e Comissão Europeia, (2011). *Mochila Pedagógica – T-Kit, nº4 : A aprendizagem intercultural*. Estrasburgo : Edições do Conselho da Europa.

Conselho da Europa, (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas [QEQR]. *Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa.

Coste, D. (1997). *Le théâtre de la représentation* In G. Zarate (Coord.), *Les représentations en Didactique des langues et Cultures*. Paris : Didier.

Dabène, L. (1994). *Repères sociolinguistiques pour l'enseignement des langues*. Paris : Hachette.

Deci, E. L & Ryan, R. M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.

Diário da República nº 72 – 12 de abril 2013, Despacho nº 5048-B/2013 –2ª série

Direção Geral de Educação (2000). Programas de Francês. Plano de Organização do Ensino Aprendizagem – 3º ciclo do Ensino Básico. Vol I e Vol II. Disponível em: metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/sobre-o.../documentos-de-referencia.

Gardner, R.C. & Lambert, W.E. (1972). *Attitudes and Motivation – in second language*. Rowley: Newbury House.

Gardner, R. (1985). *Social Psychology and Second Language Learning: The role of attitudes and motivation*. London: Edward Arnold.

Gardner, R.C & Dörnyei, Z. (2002). *Motivation and second language acquisition*. Honolulu: Hawaii University Of Hawaii Press.

Gottfried, A.E. (1990). *Academic intrinsic motivation in young elementary school students*. Journal of educational Psychology.

Guilloteaux, M.J. & Dörnyei, Z. (2007). *Motivation Language Learners: A Classroom-Oriented Investigation of the effects of Motivational Strategies on Student Motivation*. In *Call Environments, Research, Practice and Critical Issues*. Tesol.Publication.

Ferreira, M. & Serra, F.R. (2009). *Casos de estudo – Usar, escrever e estudar*. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, Lda.

Hagège, C. (1996). *A criança de duas línguas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Jodelet, D. (2003). « Présentation de l'ouvrage » In D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales*. Paris : Presses Universitaires de France. Disponível em: www.cairn.info/les-representations-sociales--9782130537656-page-5.htm.

MacIntyre, P. D. & Serroul, S. (2015). *Motivation on a per-second timescale: Examining approach-avoidance motivation during L2 task performance*. In Z. Dörnyei, P. D. MacIntyre, & A. Henry (Eds.), *Motivation dynamics in language learning*. Bristol: Multilingual Matters.

Maslow, A. H (1987). *Motivation and personality*. 3ª ed New York : Harper & Row.

Moore, D. (2001). Les représentations des langues et de leur apprentissage: itinéraires théoriques et méthodologiques. In D. Moore (Coord.), *Les représentations des langues et de leur apprentissage. Références, modèles, données et méthodes*. Paris: Didier.

Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

Pardal, L. & Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

Pinto, S. (2005). *Imagens das línguas estrangeiras de alunos universitários portugueses*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em : <http://ria.ua.pt/>

Pocher, L. (1997). *Lever le rideau in Les Représentations en Didactiques des Langues et Cultures: notions en questions, rencontres en didactiques des langues*. Fontenay/Saint-Cloud, Paris : Didier Erudition.

Ponte, J. P. (2006). *Estudos de caso em educação matemática*. Bolema. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2000). *Self-Determination Theory and the Facilitation of Intrinsic Motivation, Social Development, and Well-Being*. American Psychologist, 55(1), 68-78. Doi: 10.1037/110003-066X.55.1.68

Santos, M. J. (2014). *(Re)Conhecimento do espanhol: representações de alunos*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em : <http://ria.ua.pt/>

Schmidt, A. (2011). *Imagens das Línguas e Afetividade em Contexto Escolar. Um Estudo sobre o Alemão*. Tese de Doutoramento em Didática. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://ria.ua.pt/>

Schmidt, A. & Araújo e Sá, M.H. (2006). *Difícil, feia e esquisita: a cristalização de um discurso escolar sobre o Alemão*. In *Imagens das línguas em contextos de educação e formação linguística*. Cadernos do LALE – Série reflexões. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Schütz, R. (2003). *Motivação e Desmotivação no Aprendizado de Línguas-English* (Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>).

Silva, C. (2013). *O Lúdico na aula de Língua Estrangeira: estratégia de motivação e aprendizagem*. Dissertação de mestrado em ensino de inglês e francês/espanhol no ensino básico. Porto: - ESE- Politécnico do Porto. Disponível em: <https://www.rcaap.pt/>

Spinassé, K. (2006). *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*. Brasil: Revista Contingentia. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3837>

Teixeira, A. (2013). *O Desenvolvimento da Competência Comunicativa Intercultural na aula de PLE: Representações e práticas (inter)culturais*. Um estudo de caso. Tese de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/>

Tschoumy, J. A. (1997). Une thématique nouvelle, dans Matthey Marinette, 1997, *Les langues et leurs images*. Neuchâtel: IRDP Éditeur.

Veríssimo, L. (2014). *Motivar os alunos, motivar os professores: faces de uma mesma moeda*. in *Melhorar a Escola - Sucesso Escolar, Disciplina, Motivação, Direção de Escolas e Políticas Educativas*. Porto: Universidade Católica Editora.

Vila, I. (2014). *L'interculturel à travers le multimédia dans l'enseignement du français langue étrangère*. Salamanca. Ediciones Universidad.

Yin, R. (2010). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. São Paulo: Artmed.

ANEXOS

Anexo 1

ALUNOS MATRICULADOS EM LÍNGUA ESTRANGEIRA (N.º), SEGUNDO O NÍVEL DE EDUCAÇÃO E ENSINO E O CICLO DE ESTUDO, POR LÍNGUA ESTRANGEIRA
(com indicação do Total de alunos matriculados no nível/ciclo correspondente)

Portugal Continental - anos letivos de 2008/2009 a 2013/2014

2008/2009 - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário

N.º

Nível/Ciclo Língua estrangeira	TOTAL	2.º ciclo do ensino básico	3.º ciclo do ensino básico	Ensino Secundário
Alemão	6 317	296	2 504	3 517
Espanhol	61 188	685	42 892	17 611
Francês	303 743	2 632	270 164	30 947
Inglês	804 225	235 013	369 557	199 655
Total Línguas Estrangeiras*	1 175 473	238 626	685 117	251 730
Total de alunos matriculados	1 233 359	255 347	500 210	477 802

2009/2010 - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário

N.º

Nível/Ciclo Língua estrangeira	TOTAL	2.º ciclo do ensino básico	3.º ciclo do ensino básico	Ensino Secundário
Alemão	5 121	300	2 284	2 537
Espanhol	84 615	633	60 343	23 639
Francês	286 059	2 698	253 712	29 649
Inglês	809 338	233 923	358 185	217 230
Total Línguas Estrangeiras*	1 185 133	237 554	674 524	273 055
Total de alunos matriculados	1 200 546	257 464	480 298	462 784

2010/2011 - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário

N.º

Nível/Ciclo Língua estrangeira	TOTAL	2.º ciclo do ensino básico	3.º ciclo do ensino básico	Ensino Secundário
Alemão	4 593	292	2 049	2 252
Espanhol	108 736	718	77 275	30 743
Francês	279 551	1 656	245 629	32 266
Inglês	846 008	238 607	353 295	254 106
Total Línguas Estrangeiras*	1238 888	241 273	678 248	319 367
Total de alunos matriculados	1123 256	262 422	441 088	419 746

2011/2012 - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário

N.º

Nível/Ciclo Língua estrangeira	TOTAL	2.º ciclo do ensino básico	3.º ciclo do ensino básico	Ensino Secundário
Alemão	5 411	313	2 167	2 931
Espanhol	121 671	825	89 812	31 034
Francês	268 502	1 067	238 325	29 110
Inglês	846 834	233 771	358 704	254 359
Total Línguas Estrangeiras*	1242 418	235 976	689 008	317 434
Total de alunos matriculados	1055 908	250 830	414 969	390 109

2012/2013 - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário

N.º

Nível/Ciclo Língua estrangeira	TOTAL	2.º ciclo do ensino básico	3.º ciclo do ensino básico	Ensino Secundário
Alemão	5 815	360	2 582	2 873
Espanhol	120 881	810	91 223	28 848
Francês	266 222	714	239 177	26 331
Inglês	840 261	227 976	353 100	259 185
Total Línguas Estrangeiras*	1233 179	229 860	686 082	317 237
Total de alunos matriculados	993 590	237 873	377 853	377 864

2013/2014 - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e ensino secundário

N.º

Nível/Ciclo Língua estrangeira	TOTAL	2.º ciclo do ensino básico	3.º ciclo do ensino básico	Ensino Secundário
Alemão	7 702	292	2 904	4 506
Espanhol	99 209	851	75 187	23 171
Francês	259 868	1 761	233 798	24 309
Inglês	836 001	227 453	344 573	263 975
Total Línguas Estrangeiras*	1202 780	230 357	656 462	315 961
Total de alunos matriculados	960 272	234 625	361 230	364 417

Nota: * A linha totalizadora, tal como é calculada, apresenta os alunos contados tantas vezes quantas as disciplinas de língua estrangeira que frequentam.

Fonte: DGEEC/MEC, Outubro de 2015

Dados gentilmente disponibilizados pela Direção Geral da Estatística da Educação e Ciência. [DGEEC/MEC] , solicitados pela investigadora, no âmbito da elaboração deste estudo.

Anexo 1 - N.º de alunos matriculados nas línguas estrangeiras

Anexo 2



Anexo 2 - Cartaz do filme “Qu’est-ce qu’on a fait au bon Dieu?”

Anexo 3



JOUR DE LA FRANCOPHONIE

PROGRAMA

20 de março (SEXTA)

8h35 - 18h40 - Exposição de trabalhos de alunos
- Atividade: “Dis-moi dix mots”

10h45 - Projeção do filme “Qu’est-ce qu’on a fait au bon Dieu ?”

Lanche francês

Anexo 3 - Programa do dia da Francofonia

Anexo 4

Anexo 4 - Inquérito por questionário

QUESTIONÁRIO

Este questionário enquadra-se num estudo em curso no âmbito do Mestrado em Didática da Universidade de Aveiro. Destina-se a alunos do 9º ano de escolaridade, que estudam o Francês Língua Estrangeira (FLE) desde o 7º ano, na Escola Básica 2/3/S, do Agrupamento de Escolas de [] de Felgueiras, e tem como objetivo conhecer as representações dos alunos sobre a língua francesa, bem como o grau de motivação para a aprendizagem do FLE.

Neste questionário, as respostas não estão sujeitas a avaliação, por isso, responde o mais sinceramente possível.

Grata pela colaboração.

A LÍNGUA FRANCESA E EU

1. Nome (fictício): _____
2. Sexo: F ☐ M ☐
3. Profissão dos pais: mãe: _____
pai: _____
4. Habilitações dos pais:

Pai		mãe	
Não sabe ler nem escrever		Não sabe ler nem escrever	
1º ciclo		1º ciclo	
2º ciclo		2º ciclo	
3º ciclo		3º ciclo	
Secundário		Secundário	
Superior		Superior	

5. Tens irmão(s) mais velho(s) que estuda(m) (ou já estudaram) francês?
Não ☐ Sim ☐
6. Escolheste Francês como Língua Estrangeira 2 porque:
 - a. A escola não oferecia outra opção. ☐
 - b. Queria aprender / estudar Francês. ☐
 - c. Outro: _____ ☐
7. No caso de teres respondido b), indica os motivos que te levaram a querer estudar Francês como Língua Estrangeira (FLE)? (Numera de 1 a 5, sendo que 1 é o mais importante e 5 o menos importante.)
 - a. Porque pode ser útil para o meu futuro ☐
 - b. Parece ser fácil em aprender ☐
 - c. Porque dá prestígio saber falar francês ☐
 - d. Porque gosto da língua e da cultura. ☐
 - e. Outro: _____ ☐

8. Se houvesse outra opção na tua escola:

a. Continuarias a escolher o FLE? Não ☐ Sim ☐

Se a resposta for Não,

b. Que língua escolherias e porquê?

9. Indica o teu grau de motivação para a aprendizagem do FLE.

Não estou nada motivado	Estou um pouco motivado	Estou motivado o suficiente	Estou muito motivado	Estou bastante motivado

10. A motivação depende de vários fatores. Coloca uma cruz nos itens com os quais te identificas. (podes escolher várias possibilidades.)

Gosto da língua		Não gosto da língua	
Os conteúdos programáticos são interessantes		Os conteúdos programáticos não são interessantes	
Gosto da forma de ensinar do professor		Não gosto da forma de ensinar do professor	
Gosto das atividades realizadas em sala de aula		Não gosto das atividades realizadas em sala de aula	
Gosto da cultura francesa		Não gosto da cultura francesa	
Outro. Qual?		Outro. Qual?	

11. Tens contacto direto com o francês fora do contexto escolar? Não ☐ Sim ☐

Se a resposta for Sim:

a. Indica de que forma:

- ☐ Pais emigrados num país francófono
- ☐ Um dos pais é falante nativo francês
- ☐ Ligações familiares (tios/primos)
- ☐ Correspondentes
- ☐ Encontro com estrangeiros francófonos
- ☐ Viagens
- ☐ Internet
- ☐ Música
- ☐ Outro: _____

12. Já viveste ou os teus pais já viveram num país estrangeiro? Não ☐ Sim ☐

a. Se a resposta for Sim:

12.1. Em que país(es)? _____

12.2. Durante quanto tempo? _____

12.3. Falas a língua desse país? Não ☐ Sim ☐ Um pouco ☐

b. Se a resposta for Não:

13. Gostarias de viver no estrangeiro? Não ☐ Sim ☐

a. Se a resposta for Sim:

13.1. Onde? _____

13.2. Porquê? _____

14. Completa as frases seguintes:

14.1. Para mim, a língua francesa é _____,
_____, _____, _____ e
_____.

14.2. Para mim, as pessoas que falam francês são _____,
_____, _____, _____ e
_____.

14.3. Para aprender a falar francês, preciso de _____,
_____, _____, _____ e
_____.

Merci!

Anexo 5

Anexo 5 - Tratamento de dados do inquérito por questionário

Pergunta 2.

Sexo:

F	M
50	40

Pergunta 3

Profissão dos pais:

pai				mãe			
Operário fabril	50	Modelista	3	Operária fabril	47	Empregada de limpeza	1
Vendedor/comercial	4	Distribuidor de pão	1	Desempregada	5	Motorista	1
Agente de calçado	1	Encarregado de armazém	1	Contabilista	1		
Desempregado	3	Encarregado de prod. químicos	1	Costureira	5		
Sapateiro	1	Prestador de serviços	2	Empresária	1		
Conta própria	3	Construção civil	4	Conta própria	2		
Manobrador de máquinas	1	Transportador de mercadorias	1	Gaspeadeira	2		
Motorista	1			Doméstica	2		
Encarregado construção civil	1			Jornaleira	1		
Sócio gerente	1			Pasteleira	1		
Fotógrafo	1			Ajudante de cozinha	1		

Pergunta 4.

Habilitações dos pais:

pai		mãe	
Não sabe ler nem escrever		Não sabe ler nem escrever	
1º ciclo	19	1º ciclo	23
2º ciclo	41	2º ciclo	36
3º ciclo	19	3º ciclo	26
Secundário	6	Secundário	3
Superior	2	Superior	1

Pergunta 5

Tens irmão(s) mais velho(s) que estuda(m) (ou já estudaram) francês?

Não	Sim
48	41

Pergunta 14.1.

Para mim, a língua francesa é:

Interessante	Importante	Difícil	Fácil	Divertida	Engraçada	Fixe	Linda /bonita
50,5%	19,1%	15,7%	15,7%	14,6%	11,2%	8,9%	7,8%
Complexa	Estranha	Motivadora	Diferente	Seca	Trabalho/futuro	Elegante	Requintada
6,7%	5,6%	5,6%	4,4%	3,3%	3,3%	3,3%	3,3%
Formal	Chique	Aborrecida	Complicada	Útil	Única	Agradável	Viajar
2,2%	2,2%	2,2%	2,2%	2,2%	2,2%	2,2%	1,1%
Glamorosa	Especial	Sofisticada	Delicada	Péssima	Pouco utilizada	Cuidada	Inspiradora
1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%

Pergunta 14.2.

Para mim, as pessoas que falam francês são:

Cultas	Inteligentes	Interessantes	Normais	Engraçadas	Simpáticas	Divertidas	Bondosas
24,9%	20,2%	16,8%	15,7%	8,9%	8,9%	6,7%	6,7%
Interessadas	Humildes	Fixes	Civilizados	Chiques	Falam rápido	Requintadas	Discretas
4,4%	3,3%	3,3%	3,3%	2,2%	2,2%	2,2%	2,2%
Diferentes	Estrangeiros	Nível mais elevado	Com pronúncia	Vítimas de atentados	Sensíveis	Inspiradoras	Emigrantes
2,2%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%	1,1%
De uma cultura diferente e bonita		Não respondeu					
1,1%		6,7%					

Pergunta 14.3.

Para aprender a falar francês, preciso de:

Empenho	Atenção	Motivação	Tentar falar mais/praticar	Compreender	Interesse	Vontade
26,9%	26,9%	25,8%	20,2%	14,6%	12,3%	11,2%
Ler	Gostar de francês	Concentração	Aprender	Ligação/contacto com a língua	Ouvir músicas	Esforço
7,8%	6,7%	6,7%	5,6%	5,6%	5,6%	5,6%
Escrever	Dedicação	Boa pronúncia	Bom comportamento	Conhecer a cultura francesa	O prof não faltar	Ver filmes
4,4%	3,3%	3,3%	3,3%	2,2%	1,1%	1,1%

Anexo 6

Anexo 6 - Entrevistas

9º B

(todos os nomes são fictícios e escolhidos pelos alunos, de forma a manter o anonimato dos mesmos)

Entrevistador- O que acham do Francês?

Tiago Pinto- Acho que o francês é uma língua que se fala muito no mundo e que devemos aprender porque se quisermos ir trabalhar para outro país onde se fale francês é preciso saber falar francês que é para desenrascar

Peter Pan- É uma língua romântica

Angelina Jolie- Eu adoro francês

Entrevistador- E sobre os franceses?

Angelina Jolie- Simpáticos

Tiago Pinto- Arrogantes

Peter Pan- São pessoas normais

Angelina Jolie- Simpáticos, quando eu estava lá em França, não me conheciam de lado nenhum e diziam Bonjour.

Tony Carreira- - Gastam dinheiro em chocolate.

Entrevistador- O que sabem da cultura francesa?

Tiago Pinto- Paris

Peter Pan- Queijo

Tiago Pinto- Tour Eiffel

Angelina Jolie -Disney Land

Peter Pan- O Louvre

Entrevistador- Só se fala Francês em França?

Todos- Não

Angelina Jolie- Em mais países

Tiago Pinto- Não, como estava a dizer há bocado, nos países lusófonos...

Entrevistador: Lusófonos?

Tiago Pinto- Oh não são lusófonos, mas no norte de África..

Angelina Jolie - Suíça

Tony Carreira- Na Suíça é só uma parte!

Entrevistador- Não se fala em mais nenhum país?

Peter Pan- Na Guiana francesa.

Tiago Pinto- No Canadá

Entrevistador- E que sabem sobre estes países? Sabem alguma coisa?

Peter Pan - No Canadá, fala-se no Quebec, acho eu..

Entrevistador- Quando escolheram no 7º ano o Francês, escolheram-no porquê?

Porque foram obrigados a escolher ou porque queriam mesmo escolher o Francês?

Tony Carreira- A minha professora de matemática disse-me que para estudar havia muitos livros em Espanhol...

Angelina Jolie – Eu queria Francês

Peter Pan- Não, eu achava que ia ser interessante, o Francês.

Tiago Pinto- Eu queria Francês

Entrevistador- Então, escolheste porque quiseste?

Angelina Jolie – Eu queria mesmo aprender Francês

Peter Pan- Eu queria aprender francês para ir a Paris, ao museu do Louvre e assim,

Entrevistador- Então, querias aprender Francês, para viajar?

Peter Pan- Sim, é isso.

Tiago Pinto- Eu não fui obrigado a escolher, eu escolhi o Francês porque queria aprender.

Tony Carreira- Eu escolhi espanhol porque a professora do 6º ano disse que quando tirou o seu curso, havia muitos livros em Espanhol.

Entrevistador: Bem, quando escolheram Francês, estavam motivadas para estudar esta língua?

Todos- Sim!

Entrevistador- Depois deste três anos de Francês, continuam motivados ou desmotivados?

Tiago Pinto- Bem no 7º ano, estava motivado, no 8º, desmotivei porque a professora faltava muito às aulas.

Angelina Jolie- Eu continua motivada

Tony Carreira- Eu mantive, a partir do momento em que comecei a estudar francês...

Entrevistador- Qual é o grau de motivação, neste momento?

Peter Pan- Agora é maior, já sabemos mais coisas.

Angelina Jolie- Agora é maior, agora dá vontade de falar..

Entrevistador: A vossa ideia inicial sobre os Franceses e sua cultura é a mesma desde o 7º ano? Ou alguma coisa mudou?

Angelina Jolie- É a mesma...

Peter Pan- A mim alterou....

Tiago Pinto- As professoras fizeram-me mudar de ideia, começaram a gabar muito a França e os Franceses, que era bonito...

Tony Carreira- Os professores tem ajudado, dizem que os franceses eram assim.. que ajudam as outras pessoas...

Entrevistador: Entre o Francês e o Inglês, na vossa opinião, qual é a língua mais importante?

Angelina Jolie- Para mim, o Francês é mais importante

Peter Pan- Não, o Inglês

Tiago Pinto- O Inglês.

Tony Carreira- O Inglês

Tiago Pinto- Fala-se mais

Peter Pan- É porque em qualquer sítio se fala Inglês.

Angelina Jolie- Para mim. não.

Entrevistador- E entre o Espanhol e o Francês?

Angelina Jolie- Francês

Peter Pan- Francês

Tiago Pinto- Francês

Tony Carreira- Francês

Peter Pan- Eu acho que o Francês é mais interessante do que o Espanhol.

Tiago Pinto- Tanto que há mais pessoas que falam Francês do que Espanhol.

Entrevistador- Vamos imaginar que tinha a possibilidade de voltar para o 7º, e tinha a possibilidade de escolher uma novamente uma língua, voltavam a escolher o francês ou não - agora que vi o que era, vou escolher outra língua.

Todos- Manteria com Francês.

Entrevistador- Há pouco diziam que continuavam motivados para o estudo da língua, mas nem sempre estão, certo? Então vocês desmotivam porquê? Porque os assuntos não são interessantes, o programa? São os professores que não aulas como vocês gostam?

Tiago Pinto- Eu acho que alguns assuntos não são interessantes.

Entrevistador: Por exemplo?

Tiago Pinto- A matéria do 2º período, das descobertas científicas, era difícil..

Entrevistador- Desmotivaste porque era difícil?

Tiago Pinto- Sim.

Peter Pan- Eu não, eu já gostava e já, por isso... não desmotivei.

Tony Carreira- Eu também.

Angelina Jolie- Eu também, mas mais este ano, porque há muitas maneiras de ensinar, não é? este ano é melhor, a professora do ano passado faltava muito e era um bocadinho chato para nós..

Entrevistador- Então quando os assuntos não são interessantes, o professor deve ...

Tiago Pinto- Fazer visitas de estudo a França.

Angelina Jolie- Era isso que eu ia dizer..

Tiago Pinto- Ou a países francófonos.

Tony Carreira- Não sei... fazer trabalhos

Angelina Jolie- Trabalhos em vez de testes.

Tiago Pinto- Ou, por exemplo, dava uma questão de aula todo as semanas e já não saia no teste.

Angelina Jolie- E essa matéria já não saia no teste.

Entrevistador- Acham que na generalidade, os alunos gostam de Francês?

Angelina Jolie- Uns sim, outros não.

Tony Carreira- Gostam.

Peter Pan- Sim, acho que há mais alunos que gostam do que aqueles que não gostam.

Entrevistador- Os professores devem tornar as aulas mais interessantes arranjar actividades e estratégias diferentes... e os alunos o que podem fazer?

Tiago Pinto- Nada.

(silêncio)

Entrevistador- Os professores devem encontrar soluções como visitas de estudo, uma questão de aula semanal, o que é difícil, uma vez que só temos 90 minutos por semana..

Peter Pan- Podia haver mais.

Tiago Pinto- Para os alunos se motivarem devia haver mais 90 minutos por semana.

Angelina Jolie- Ou 45 por semana.

Tiago Pinto- Não, mas 45 não chegava.

Entrevistador- Ainda não me disseram o que os alunos podem fazer.

Tony Carreira- Por exemplo, na Internet podiam pesquisar sobre o país de França e descobrir coisas interessantes.

Angelina Jolie- Sim, sobre a cultura francesa e assim.

Peter Pan- Ler uma história, assim, do passado e achar interessante e querer estudar Inglês. oH! O Francês..

MUITO OBRIGADA

9º C

(todos os nomes são fictícios e escolhidos pelos alunos, de forma a manter o anonimato dos mesmos)

Entrevistador- Começo por vos perguntar o que acham dos Franceses?

Guedes- Pessoas chiques

Miana- Armantes

Lara- Estranhas

Entrevistador- O que sabem sobre a cultura francesa?

Jojó- Coissants.

Lara- Crepes.

BLD- Tour Eiffel.

Jojó - Arc de Triomphe.

Miana- Disney Land

Lara - Volta à França

Guedes - Queijo.

Entrevistador- Só se fala Francês em França?

Miana- Sim, quando fui viajar a Marrocos, eles falavam em francês também.

Entrevistador: Haverá mais alguns países, os chamados países francófonos?

Lara- Suíça.

Entrevistador- E que sabem sobre estes países francófonos? Sabem alguma coisa?

Guedes- O chocolate suíço.

Lara- O ramadão.

Entrevistador- Marrocos é um país muçulmano que fala francês, mas haverá mais países fora da Europa onde se fala Francês?

Jojó- Há.

Entrevistador- Quais?

Jojó- Não sei. Sei que há mas....

Entrevistador- Sabes que há mas não sabes identificar..

Jojó- É isso.

Entrevistador- Algum de vocês consegue identificar um país francófono fora da Europa?

Todos- Não!

Entrevistador- Quando escolheram no 7º ano o Francês, escolheram-no porquê?

Porque foram obrigados a escolher ou porque queriam mesmo escolher o Francês?

Lara- Porque era a única opção

Miana- Não... porque se houvesse Espanhol, acho que o Francês é mais importante do que o Espanhol, percebemos melhor o Espanhol do que o Francês porque o Espanhol é tipo.....a professora percebe... é mais parecido com o Português..

Entrevistador- Então escolheste Francês, mas se houvesse outra língua, escolherias na mesma o Francês?

Miana- Sim

Lara- Espanhol

Entrevistador- Então, escolheste o Francês porque foste obrigado?

Jojó- Sim.

Guedes- Eu, escolhia o Espanhol mas como não havia professores, tive de escolher Francês... se calhar era mais fácil.

BLD- Eu escolhia o Francês

Entrevistador- Vamos imaginar que tinha a possibilidade de voltar para o 7º, e tinha a oportunidade de escolher uma novamente uma língua, voltavam a escolher o Francês ou não - agora que vi o que era, vou escolher outra língua.

Lara- Espanhol.

Jojó- Espanhol.

Entrevistador- E os alunos que queriam Francês, continuariam a escolher?

Miana- Eu continuava a escolher o Francês.

Guedes- Eu continuava,

Entrevistador- Bem, quando escolheram Francês, e começaram a contactar com a língua, estavam motivados?

Lara- Não.

Jojó- Sim

Guedes- Sim, também.

Miana- Sim.

Entrevistador- Então se houvesse outra opção, não terias escolhido o Francês?

Miana- Eu tinha escolhido Francês.

Lara- Eu não.

Entrevistador- Quando contactaram com a língua, estavam motivados para estudar?

Lara- Não,

BLD -Eu estava,

Guedes- Eu também.

Jojó- Sim.

Entrevistador- Lara, continuas a não ter motivação?

Lara- Não!

Entrevistador- Depois deste três anos de Francês, estás motivada ou desmotivaste?

Lara- Não estou motivada, mas tinha de estudar, que remédio!

Entrevistador- Apesar de não escolher Francês, sentes-te motivado?

Jojó- Mais ou menos.

Guedes- Como tinha de ser Francês, habituei-me.

Miana- Eu quando comecei, estava motivada, o Francês é a minha língua preferida

Entrevistador- A imagem que têm dos franceses alterou-se depois de estudar estes 3 anos?

Lara- Não.

BLD- Eu continuo com a mesma ideia.

Guedes- Eu até gosto de Francês, a minha ideia sobre os franceses e a cultura dos franceses até mudou um pouco para melhor porque com as aulas, aprendemos mais coisas sobre os franceses e a cultura francesa.

Miana- Acho que sim, que mudou.

Entrevistador- Em que aspeto?

Miana- Na cultura.

Jojó- Eu.. mudei um pouco, para melhor.

Entrevistador- Acham que o Francês perdeu ou ganhou importância a nível mundial?

Lara- Perdeu.

Jojó- Perdeu.

Guedes- Penso que está igual.

Miana- Perdeu.

BL- Perdeu.

Entrevistador- Na vossa opinião, qual é a língua que ganhou importância?

Jojó- O Inglês.

BLD- O Inglês.

Miana- O Inglês sempre foi importante.

Lara- O Mandarim.

Entrevistador- Entre o Francês e o Inglês, na vossa opinião, qual é a língua mais importante?

Jojó- O Inglês.

BLD- O Inglês.

Miana- O Inglês.

Lara- O Inglês, sem dúvida.

Guede- O Inglês.

Entrevistador- E o Espanhol é mais importante do que o Inglês?

Jojó- Não.

BLD- Não.

Miana- Não.

Lara- Não.

Guedes- Não.

Entrevistador- E entre o Espanhol e o Francês?

Jojó- O Francês.

BLD- O Francês.

Miana- O Francês.

Guedes- O Francês.

Lara- O Espanhol.

Entrevistador- Então vocês desmotivam porque? Porque os assuntos não são interessantes, o programa? Ou são os professores que não aulas como vocês gostam?

Miana- Eu acho que a maneira como os professores ensinam, é muito importante.

Lara- Eu acho que não tem nada a ver com isso. Eu não gosto de Francês, é a minha maneira. Não gosto, pronto!

Miana- Há professores que motivam mais os alunos a gostar mais da disciplina. Pronto, acho que tem a ver com isso.

Guedes- Eu acho que não é nenhum. Acho que somos mais nós. Temos ideia fixa.

Entrevistador- Então o que pode fazer o professor para motivar os alunos?

Guedes- Nada.

Miana- Tipo, esses trabalho, tipo aquele que você mandou fazer.. do telejornal.

Jojó- Ya. esse trabalho!

BLD- Trabalhos diferentes.

Miana- Penso que motivou bastante.

Miana- Fazer uma viagem a Paris.

BLD: Uma visita de estudo...

Entrevistador- E isso motivaria?

BLD- Muito mesmo.

Guedes- Penso também que os professores não se deviam fixar tantos nos livros e fichas, e resolver fichas e fichas, podiam também explicar de uma maneira mais interativa para nós.

Entrevistador- Então o que podem fazer os alunos?

Miana- Retribuir ... com estudo

Jojó- portar-se bem nas aulas

Miana- Mostrar mais interesse, também motiva mais os professores para...

Jojó- Dedicção..

Entrevistador- Vamos imaginar que, agora que vão para o 10º ano, pedem-vos para escolher uma língua de iniciação, uma nova língua, que língua escolheriam? O Francês, o Espanhol? Ou outra?

Miana: Sim....

Lara- Depende, tinha que pensar. Para mim era melhor porque eu não gosto de Francês. Escolhia o Espanhol.

BLD- Eu escolhia outra porque já conheço o Francês. Gostava de conhecer outras línguas.

Jojó- Eu continuava a escolher o Francês.

Entrevistador- Vamos imaginar que não tinham tido Francês no 7º ano, e tinham de escolher uma língua de iniciação no 10º, continuariam o Francês ou mudariam para o Espanhol?

Lara- Eu escolhia o Espanhol,

Entrevistador- E vocês que escolheram o Francês por opção? Continuariam a escolher o Francês?

Miana- Sim.

BLD- Sim.

Entrevistador- Para vocês, o Francês é útil e importante para o vosso futuro?

Miana- Sim, acho que pode.

Lara- Não.

Jojó- Não se fala muito Francês. Fala-se mais Inglês, Inglês é mais fácil.

BLD- É importante para o turismo... para receber os turistas.

Miana- Oh, depende, como eu gostava de ser jornalista, acho que fazia falta o francês

BLD- Qualquer língua seria essencial para nós, até porque, num momento, assim, que não tínhamos emprego em Portugal, podíamos sempre recorrer e ir para França, ou algum país onde se falasse francês

Lara- Todas as línguas são importantes. Há línguas mais importantes do que o francês. Acho que o francês não é importante para o meu futuro.

MUITO OBRIGADA

9º D

(todos os nomes são fictícios e escolhidos pelos alunos, de forma a manter o anonimato dos mesmos)

Entrevistador- Vou começar por vos perguntar o que acham dos Franceses?

Andrea - São inteligentes,

Josefina- Simpáticos.

Andrea – Honestos...Atenciosos.

Andreia- Ajudam o próximo.

Entrevistador- O que sabem sobre a cultura francesa?

Josefina- São os mais finos. Sabem tudo. São franceses, devem saber tudo..

SILÊNCIO

Entrevistador- Só se fala Francês em França?

Todos- Não.

Nos países francófonos, Suíça.

Josefina- Em Portugal também se fala...

Entrevistador- Estamos a falar de países francófonos cuja língua oficial é o Francês.

Diva- Na Bélgica.

Andrea - No Luxemburgo

Entrevistador- É só na Europa?

Não.

Andreia- Numa parte do Canadá.

Entrevistador- Mais algum?

Andrea - Há uma ilha, mas eu não sei o nome.

Entrevistador- E o que sabem sobre estes países? Sabem alguma coisa?

Nada!

Andrea - Sei que o Luxemburgo é um país muito pequeno, onde as pessoas não lá muito simpáticas (foi o que a minha tia me disse)

Diva- De França sabemos mais.

Andrea - Na Suíça, são muito exigentes.

Andreia Na ciência também são muito exigentes.

Josefina- É muito frio.

Diva- Na Bélgica, há aquelas bolas...

Andrea - Aquele monumento que parece aquele jogo...

Entrevistador- E sobre a França?

Tour Eiffel (todos)

Andrea - O Museu du Louvre.O Arc de triomphe

Andreia A ponte dos aloquetes.

Josefina- A Disney Land..

Diva- Isso não é monumento..

Josefina- É um monumento, muita gente vai lá para ver os bonecos.

Entrevistador- Quando escolheram no 7º ano o Francês, escolheram-no porquê? Porque foram obrigados a escolher ou porque queriam mesmo escolher o Francês?

Diva- Eu fui obrigada.

Josefina- Eu também.

Eu não .

Andreia- Eu também não.

Andrea - Eu também não.

Entrevistador- Então se houvesse outra opção, não teriam escolhido o Francês? Escolheriam que língua?

Diva- Espanhol.

Espanhol, mas não havia professores aqui.

Andreia- Houvesse ou não, eu escolhia o Francês.

Andrea - Eu também.

Entrevistador- Quando escolheram o Francês, estavam motivados?

Andreia- Claro! Os meus primos são franceses.

Irmos para o estrangeiro. É uma boa ajuda saber falar francês.

Andrea - Devido à família.

Josefina- Eu escolhia o espanhol porque gosto mais de espanhol e tenho uma prima em Andorra e lá fala-se um bocado de espanhol e gostava de aprender a falar espanhol e depois conseguir falar com ela.

Entrevistador- Então não tens nem nunca tiveste família em França ou num país francófono?

Josefina- Tive um avô 20 anos.

Diva- Eu tenho família: tios, primos..

Entrevistador- E mesmo assim não te dá vontade de falar?

Diva- Não. Quando eles vêm, se eles falarem para mim, eu não percebo mas se seu falar para eles em português, eles percebem.

Entrevistador- Depois deste três anos de Francês, continuam motivados ou desmotivaram?

Andrea- Continuo motivada.

Andreia- Muito.

Josefina- Eu no 7º ano, motivei-me um bocado e Gostei da língua, embora não quisesse escolher isso e agora também estou habituada, e gosto até.

Diva- Eu, sempre igual, nunca motivada... só se for para ver os franceses..

Entrevistador- Então vocês desmotivam porquê? Porque os assuntos não são interessantes, o programa?

Diva- É a língua. Gosto de França, da cultura francesa, não gosto é da língua!

Andreia- Eu gosto da língua, da maneira como eles se expressam.

Josefina- É fixe.

Entrevistador- Mas o que desmotiva? São os assuntos?

Josefina- É a gramática

Andrea - A gramática é bocadinho puxada.

Entrevistador- O que é que o professor pode fazer?

Diva- Não dar a matéria...

Josefina- É a única coisa que há...

Andreia- Tem de se dar isso. Para falar, temos de saber a gramática, Para formar as frases e isso! Sem gramática, não há nada...

Diva- O Inglês é muito melhor.

Andreia- Eu adoro francês!

Entrevistador- Acham que o Francês é importante?

Andreia- Muito.

Andrea- Para ir tirar um curso.

Josefina- Para sair do país.

Andrea - Em França há muitas oportunidades portanto pode-se ir para lá.

Entrevistador- Entre o Francês e o Inglês, na vossa opinião, qual é a língua mais importante?

Diva- É sem dúvida o Inglês.

É a língua mais falada no mundo (o Inglês)

Entrevistador- E entre o Espanhol e o Francês?

Todos- O Francês.

Entrevistador- E entre o Espanhol e o Inglês?

O Inglês (todos)

Entrevistador- Então por ordem, por grau de importância seria:

Andrea - Inglês, Francês e Espanhol (todos)

Entrevistador- E o Alemão?

Andreia- Essa fica em último!

Josefina- É muito mais difícil do que Francês.

Entrevistador- Há pouco falamos da motivação, e disseram que quando os assuntos não são interessantes, os professores devem torna-los interessantes arranjar actividades e estratégias diferentes... e os alunos o que podem fazer?

Andreia- Eu estou sempre motivada para o Francês.

- Penso que vou precisar disso, da língua, no futuro

Entrevistador- Vamos imaginar que, agora que vão para o 10º ano, pedem-vos para escolher uma língua de iniciação, uma nova língua, que língua escolheriam?

Diva- Espanhol.

Josefina- Espanhol.

Francês,

Andreia- Francês.

Andrea – Francês.

Entrevistador- Vamos imaginar que não tinham tido Francês no 7º ano, e tinham de escolher uma língua de iniciação no 10º, continuariam e escolher o Francês ou o Espanhol ou outra?

Diva- Eu escolhia o espanhol.

Josefina- Espanhol.

Francês,

Andreia- Francês.

Andrea – Francês.

Entrevistador- Aconselham os alunos que estão 6º a escolher francês quando forem para o 7º?

Sim (todos)

Entrevistador- Até aqueles que não queriam francês inicialmente?

Sim.

Entrevistador- A vossa ideia inicial sobre os Franceses e sua cultura é a mesma desde o 7º ano? Ou alguma coisa mudou?

Josefina- Mudou, no 7º ano era assim,.. para lá

Entrevistador- Para lá como?

Josefina- Aquilo não era preciso para nada.

Andrea- Não dava tanta importância.

Josefina- Exatamente, não dava importância.

Andrea- Mas agora damos mais importância à língua.

Josefina- Podemos precisar dela.

Entrevistador- Mas a ideia sobre os Franceses, o que pensavam deles? Mudou?

Andreia- Não mudou nada!

Andrea - É completamente igual.

É igual

Diva- O pior da França são as músicas, aquelas músicas, Jesus nosso Senhor!!

Andrea - São lindas!

Andreia- São giras!

Andrea - O David Carreira tem músicas Francesas e são mesmo giras...

Diva- Não prestam!

Andreia- Eu também oiço de outras pessoas e também gosto.

Entrevistador- E dos filmes? Acham que retratam os franceses?

Diva- Ai não, os filmes franceses, isso enerva-me mesmo!

Andrea - Eu gosto.

Diva- Eu não gosto.

Diva- Não gosto. Nós o ano passado víamos muitos filmes , e aquilo era horrível!

Entrevistador- Não houve um filme de que gostassem?

Andrea - Aquilo era de fazer rir..

Diva- Também não eram todos franceses!

Josefina- Pois, não temos muita oportunidade de escolha!

Entrevistador- E se no futuro tivessem de sair para um país francófono, sem ser França. Iriam?

Todos- Sim.

Andrea - Eu só ia para França, para outro país, acho que não!

Diva- França é bonito, eu gosto da cultura francesa mas não gosto da língua, apesar de preferir Londres, mas...

Andrea - Mas Londres não é um país francófono!

Diva- Mas eu disse....

Silêncio

MUITO OBRIGADA

9º E

(todos os nomes são fictícios e escolhidos pelos alunos, de forma a manter o anonimato dos mesmos)

Entrevistador- O que acham dos Franceses?

Flávio- São fixes, são boas pessoas.

António- São simpáticos.

Joaquim Cebola- São pessoas como as outras,

António- São pessoas interessantes.

Justina- Parecem ter cultura.

Entrevistador- O que sabem sobre a cultura francesa? Quando pensam em cultura Francesa, o que vos vem à cabeça?

Justina- Gastromania.

Joaquim Cebola- Champanhe.

António- Cinema.

Flávio- Queijo.

Justina- Os monumentos.

Entrevistador- Só se fala francês em França?

Joaquim Cebola- Alemanha.

Entrevistador- Alemanha?

António- Suíça.

Flávio- Mónaco.

Joaquim Cebola- Bélgica, Turquia...

Entrevistador- E fora da Europa, não se fala francês?

Joaquim Cebola- Isso não sei.

Flávio- Também não sei.

Entrevistador- E que sabem sobre os países francófonos que referiram? Sabem alguma coisa?

Joaquim Cebola- Só sei que está lá a minha tia...

António- Não sei muito... sei que falam Francês.

Entrevistador- Só se fala Francês na Europa?

Joaquim Cebola- Isso não sei...

Justina- Não.

António- Não sei!

Entrevistador- Quando escolheram no 7º ano o Francês, escolheram-no porquê? Porque foram obrigados a escolher ou porque queriam mesmo escolher o Francês?

Joaquim Cebola- Eu queria Espanhol, mas não havia alunos suficientes para Espanhol.

António- Não havia outra opção.

Flávio- Não havia outra opção.

Justina- Igual.

Entrevistador- Então se houvesse outra opção, não terias escolhido o Francês? Escolhias que língua?

António- Espanhol.

Flávio- Espanhol.

Justina- Espanhol

António Espanhol, eu gostava de experimentar.

Joaquim Cebola- Eu também gostava de experimentar, para ir para Espanha.

Entrevistador- Então estes 4 alunos estão em Francês porque foram obrigados, certo? Se não tinham escolhido Espanhol.

Justina- É.

Joaquim Cebola É.

António- É.

Flávio- É.

Entrevistador- Bem, quando tiveram de escolher Francês, estavam motivadas para estudar a língua?

Justina- Não, no 7º ano não estava.

António – Não.

Joaquim Cebola- Não, mas acho que o Francês é fixe, só que acho que o Espanhol é mais fácil.

Flávio- Não estávamos motivados porque foi uma opção quase obrigada, não foi bem uma opção.

Entrevistador- Então escolhias o Espanhol porque era mais fácil? Só por isso?

Joaquim Cebola- Sim, só por isso.

Entrevistador- Depois deste três anos de Francês, estão motivados?

Flávio- Não.

António- Eu tive algum... algumas fases..

Joaquim Cebola- Eu também porque tive uma professora, entre aspas, que gostava de mim e às vezes motivava-me.

Justina- Eu nunca gostei de Francês e não tive motivação para isso porque e os professores também não chamam para isso.

Flávio- Eu até experimentar Francês, até gosto mas antes pensei que era uma língua muito difícil para aprender.

Entrevistador- Então nenhum de vocês está, neste momento, motivado para estudar Francês.

Joaquim Cebola- Eu estou.

António- Eu estou e não estou.

Justina- Eu... agora....

Entrevistador- Então se desmotivam é porquê? São os programas, os assuntos que não são interessantes ou são os professores que não motivam?

Joaquim Cebola- Acho que é por causa da língua.

Justina- E a matéria também.

António- São os assuntos e a língua.

Entrevistador- Os assuntos que são tratados no programa, não te interessam, não são motivantes?

António- Não são motivantes.

Flávio- É por causa da língua, é um bocado complicada, sobretudo a nível da oralidade. Na oralidade e na escrita, em ambas as coisas, é bocadinho complicada.

Justina- Eu acho que se os assuntos fossem mais da atualidade

Joaquim Cebola- Há assuntos que são um bocado seca para os alunos

António- Por exemplo, esse de agora, também falamos em Moral, da solidariedade.

Justina- Neste caso nem foi muito mau porque fizemos o trabalho e tudo e não é assim tão mau.. eu acho que para mim, o pior do os cientistas.

Joaquim Cebola- Não foi interessante.

António- Para mim, o mais interessante foi quando demos os países... as nacionalidades e isso.

Entrevistador- Depois destes 3 anos de francês, mudou alguma coisa em relação ao francês?

Flávio- Eu falo por mim, eu acho que mudou um bocadinho dantes como fomos obrigados é como se estivessemos lá....obrigados... a não querer saber dquilo, mas depois de passar esses 2 anos....

António- Já nos vamos habituando a ouvir falar francês, já

Justina- Já se torna mais interessante.

Entrevistador: Acham que o francês é importante? Acham que perdeu alguma importância a nível mundial?

António- Não, acho que não.

Joaquim Cebola- Acho que mantém.

Entrevistador: Na vossa opinião qual é a língua mais importante?

António- O inglês.

Joaquim Cebola- O inglês

Flávio- Acho que o inglês é o mais falado em todo o mundo.

Justina- O inglês.

Entrevistador- Acham que o inglês é mais importante do que o francês?

António- Não é uma questão disso, mas realmente, fala-se mais inglês do que francês

Joaquim Cebola- o inglês.

Flávio- Acho que o inglês.

Justina- O inglês é uma língua para comunicar.

Entrevistador: E o espanhol é mais importante do que o inglês?

António- O inglês.

Joaquim Cebola- O inglês está sempre acima

Flávio- Acho que o inglês.

Justina- O inglês.

Entrevistador- O inglês é mais importante do que o alemão?

Joaquim Cebola- O alemão é complicado, acho que é a língua mais difícil de se falar..como somos portugueses, é mais difícil o alemão.

Justina- sim.

Joaquim Cebola- E para eles é tipo o português.

Entrevistador: E entre o Espanhol e o Francês?

Justina: Acho que é o francês, há muitos países francófonos.

António- Sim o francês. Há mais países onde se fala francês.

Entrevistador: E porque se deve estudar francês?

António- para um dia mais tarde saber outra língua e poder comunicar com pessoas estrangeiras.

Flávio- Para irmos trabalhar para o estrangeiro, tipo para França ou para países onde se fala francês, é preciso falar francês, é importante.

António- Ou em Portugal, para trabalhar em empresas internacionais, é sempre preciso ter outra língua para falar.

Flávio- Mesmo que não vá para o estrangeiro, é sempre bom, porque em Portugal podemos arranjar um emprego melhor se soubermos falar francês.

Entrevistador- Há pouco falamos da motivação, e disseram que há assuntos que não são interessantes. O que podem fazer os professores para torna-los interessantes?

Justina- Atividades.

António- Dar, no início do ano uma lista com os assuntos que eles achassem mais interessantes e nós escolhíamos o que achávamos mais interessantes.

Entrevistador- Mas os professores têm um programa. Têm de seguir o programa...

Joaquim Cebola- Podiam dar um programa maior em que fosse dada a opção aos alunos de escolher as matérias que mais gostassem e a tivesse a maioria, ficava.

António- O trabalho... como fizemos um telejornal.

Flávio- Nós com o telejornal, ficámos mais motivados a fazer o trabalho, mesmo nós com as dificuldades em francês, ficamos motivados.

Joaquim Cebola- Porque é uma coisa diferente.

António- Exactamente.

Justina- E mesmo no início do ano, é a tal coisa, discutir os assuntos todos que vão ser dados e criar ideias para se tornar mais interessante para os alunos e os professores.

Entrevistador: E os alunos, o que podem fazer?

Joaquim Cebola- Entregar-se mais à disciplina.

Flávio- Tentar.. não entregar-se ao professor, mas ... dar-se bem com o professor.

Entrevistador: Vamos imaginar que tinham a possibilidade de voltar para o 7º, e tinham a possibilidade de escolher uma novamente uma língua, voltavam a escolher o Francês ou não?

António- Eu para ser sincero, acho que ...escolhia o Francês.

Joaquim Cebola- Eu também.

Flávio- Eu escolheria, porque eu que eu aprendi agora, se fosse a uns tempos atrás e com a motivação que tenho agora, começava a empenhar-me mais e ia tentar aprender mais o Francês.

António- Do 7º até ao 9º ... já sabíamos mais de Francês. Este ano também comecei a gostar mais de Francês.

Justina- Eu é assim, eu gostava de aprender outras línguas. Mas escolheria o Francês porque a motivação agora já é outra que não havia antes agora já é outra... e o interesse também é

Joaquim Cebola- Não sei, é uma pergunta difícil.

Entrevistador- Claro que é uma pergunta difícil, mas pensa um pouco.

Joaquim Cebola- Agora com isto que já aprendi, acho que a motivação já era outra, já sabia mais coisas, já dava para aprender melhor.

Entrevistador- Vamos imaginar que, agora que vão para o 10º ano, pedem-vos para escolher uma língua de iniciação, uma nova língua, que língua escolheriam?

António - Eu acho que escolhia outra.

Flávio- Eu também.

Justina- - Eu também.

Joaquim Cebola - Eu não!

Entrevistador: E que língua escolheriam?

António - Eu não escolhia outra língua, ficava com o Inglês, apesar de ter mais dificuldades em Inglês, porque é mais importante do que o Francês.

Flávio- Eu também continuava com o Inglês.

Joaquim Cebola - Eu também.

António- É claro que gostava de saber falar todas as línguas do mundo.

Joaquim Cebola- Poliglota.

António- Poliglota, pois. Isso é que era fixe!

MUITO OBRIGADA

9º F

(todos os nomes são fictícios e escolhidos pelos alunos, de forma a manter o anonimato dos mesmos)

Entrevistador- Quando escolheram no 7º ano o Francês, escolheram-no porquê?
Porque foram obrigados a escolher ou porque queriam mesmo escolher o Francês?

Francisca- Eu escolhi porque tenho parentes Franceses e queriam saber falar melhor com eles.

Entrevistador- Então, escolheste porque quiseste?

Francisca – Sim.

Carla -Eu escolhi porque era a única opção mesmo a escola que dava.

Entrevistador- Então se houvesse outra opção, não terias escolhido o Francês?

Carla- Não, acho que não, acho que queria experimentar outra coisa, outra língua.

Beatriz- Eu escolhi porque era a única que tinha mas apesar disso era a que mais gostava.

Francisca- Eu escolhi porque era a que mais gostava e porque a minha mãe sabe falar bem francês e eu gostava de aprender.

Sara - Eu escolhi porque tive primos que disseram que era interessante e fácil.

Entrevistador- Vamos imaginar que tinha a possibilidade de voltar para o 7º, e tinha a possibilidade de escolher uma novamente uma língua, voltavam a escolher o francês ou não - agora que vi o que era, vou escolher outra língua.

Sara- Não.

Beatriz- Eu escolhia o Espanhol.

Carlota— Francês.

Francisca – Francês.

Carla- Alemão.

Sara- E que difícil, o Alemão!

Entrevistador- O que acham dos Franceses?

Carla - São muito chiques.

Carlota – Elegantes.

Sara – Simpáticos.

Francisca - A fala deles é muito cuidada.

Entrevistador- O que sabem sobre a cultura francesa?

Sara- Há muitos vinhos.

Francisca- QueijosSão muitos e bons...

Sara - O champanhe.

Carla- Os croissants.

Carlota- O turismo.

Francisca- Também tem lá muitos monumentos.. Tour Eiffel.

Entrevistador- Só se fala Francês em França?

Todos- Não.

Francisca- No Canadá, nas Colónias Francesas....

Entrevistador- Na Europa, não se fala Francês?

Carlota- Fala., os turistas.

Entrevistador: Não, não, há algum país onde se fala Francês, onde seja a língua oficial?
Além da França, claro,

Sara- Luxemburgo.

Carla – Bélgica.

Entrevistador- E que sabem sobre estes países francófonos? Sabem alguma coisa?

Todos- Não!

Entrevistador- Conhecem mais a França?

Todos- É.

Entrevistador- Bem, quando escolheram Francês, nomeadamente vocês as duas que não escolheriam Francês novamente, estavam motivadas para estudar Francês?

Carla- Sim, estava. E tinha de ser.

Beatriz- Sim estava e até é interessante.

Carla- Apesar de não ser a primeira opção, é bom conhecer outras coisas.

Entrevistador- Depois deste três anos de Francês, e apesar de não queres o Francês, continuas motivada ou desmotivaste?

Beatriz – Sim, continuo motivada.

Carla- Eu até não gosto muito de línguas, mas o francês é a que gosto mais..... entre o Inglês e o Francês, é do Francês que eu gosto mais.

Beatriz - Eu também, apesar de não ter escolhido logo, continuo a gostar.

Entrevistador- E vocês que queriam o Francês, estavam motivadas, claro?! E continuam motivadas?

Carlota – Sim.

Sara- Sim.

Beatriz- Sim, apesar de ser um bocado complicado.

Francisca- ... A gramática não é complicada mas o vocabulário sim...Dependendo das matérias...

Carla- Depende da matéria.

Beatriz- Escrever francês é também complicado.

Entrevistador- Então vocês desmotivam porque? Porque os assuntos não são interessantes, o programa?

Sara - Não porque são os mesmos assuntos que em português.

Carlota - Mas a matéria é mais complicada, por não ser a nossa língua é mais difícil e isso faz-nos desmotivar para tirar boas notas.

Francisca- Eu acho que isso não nada a ver que até tiro melhor notas a Francês do que Português.

Beatriz - Isso também eu.

Entrevistador- Então se desmotivam é porquê? São os professores que não aulas como vocês gostam?

Carlota – Não.

Sara – Não.

Francisca- Depende.. se falar dos antigos, era capaz de dizer que estava desmotivada sobre alguns assuntos mas agora conseguimos fazer algumas atividades...

Beatriz – Talvez..

Entrevistador- Quando os assuntos não são interessantes..

Francisca- Devíamos fazer atividades quando os assuntos são desinteressantes, mais *massivos*, devia haver atividade porque assim era mais fácil recordarmos ... agora quando são tão *massivos*...

Entrevistador-Então quando os assuntos não são interessantes, o professor deve ...

Todos- Torna-los interessantes

Entrevistador- E assim., já ficam motivados para estudar?

Todos- Sim.

Entrevistador- Entre o Francês e o Inglês, na vossa opinião, qual é a língua mais importante?

Todos- Inglês.

Entrevistador: Todos concordam?

Todos- Sim, sem dúvida.

Entrevistador- E entre o Espanhol e o Francês?

Todos- O Francês.

Entrevistador- E entre o Espanhol e o Inglês?

Todos- O Inglês.

Entrevistador: Então por ordem, por grau de importância seria:

Todos- Inglês, Francês, Espanhol.

Entrevistador- E porque é importante o Francês?

Francisca- Para termos mais... podermos ser mais... Podemos conseguir vir a ser políglotas.

Beatriz - Ter mais recursos.

Carlota - Para um trabalho.

Francisca- É, podemos ir para Paris ou para França ou para o Canadá e todas as colónias que falam francês.

Carla - E termos mais experiência na língua.

Francisca- E já conseguimos adaptarmo-nos melhor.

Carlota - E conseguimos comunicar melhor com as pessoas de lá.

Beatriz - Arranjar um trabalho.

Sara - Assim é mais fácil.

Entrevistador- Então vocês já estão a pensar no vosso futuro?

Todos- Claro!

Entrevistador- Para vocês, o Francês é útil e importante para um possível trabalho?

Carlota - Sim.

Entrevistador- Só para o trabalho?

Francisca - Não.

Beatriz - Para conversar com os familiares que estão em França.

Francisca - Para viajar.

Beatriz - Para ir a algum país em que se fale francês.

Carlota - Para o turismo.

Entrevistador- Há pouco falamos da motivação, e disseram que quando os assuntos não são interessantes, os professores devem torna-los interessantes arranjar atividades e estratégias diferentes... e os alunos o que podem fazer?

(SILÊNCIO)

Beatriz - Euhm...essa é a parte mais difícil...

Francisca- Temos de nos esforçar mais.

Sara- Claro que com a ajuda dos professores....Se os professores tornarem os assuntos mais interessantes, com atividades nós também estamos mais virados para a motivação.

Francisca- Atrai mais.

Beatriz - Colaborar com os professores para tornar mais interessante.

Carlota - Estou de acordo com ela.

Beatriz - Quando as matérias são mais *massivas*, temos de estudar mais visto que é mais complicado.

Entrevistador- Resumindo, os alunos também têm de se esforçar mais e não é só o professor, certo?

Todos- Sim.

Entrevistador- Vamos imaginar que, agora que vão para o 10º ano, pedem-vos para escolher uma língua de iniciação, uma nova língua, que língua escolheriam?

Carlota – Espanhol.

Sara- Espanhol.

Beatriz – Espanhol.

Carla- Depende das escolhas.

Francisca - Ai eu não sei, mas acho que não queria aprender Espanhol.

Carla - Eu acho que continuo a querer aprender o Alemão e a cultura alemã.

Entrevistador- Vamos imaginar que não tinham tido Francês no 7º ano, e tinham de escolher uma língua de iniciação no 10º, continuariam e escolher o Espanhol e tu o Alemão?

Carlota - Não, o Francês.

Francisca- Francês.

Sara- Francês.

Beatriz – Espanhol.

Carla – Alemão.

MUITO OBRIGADA